



Universidade Federal De Ouro Preto – UFOP
Escola de Educação Física – EEFUFOP
Licenciatura em Educação Física



Monografia

**Dança, masculinidade e heteronormatividade:
“Se elas dançam, por que eles não dançam?”**

Igor Henrique da Costa

Ouro Preto – MG

2021

Igor Henrique da Costa

Dança, masculinidade e heteronormatividade:

“Se elas dançam, por que eles não dançam?”

Trabalho de conclusão apresentado a disciplina de Seminário de TCC (EFD-381) do curso de Educação Física - Licenciatura da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para avaliação da mesma.

Orientadora: Dr^a Priscila Augusta Ferreira Campos

Co-orientador: Dr Albená Nunes da Silva

Ouro Preto – MG

2021

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

C837d Costa, Igor Henrique da .
Dança, masculinidade e heteronormatividade: [manuscrito]: "Se elas dançam, por que eles não dançam?". / Igor Henrique da Costa. - 2021.
86 f.: il.: gráf., tab..

Orientadora: Profa. Dra. Priscila Augusta Ferreira Campos.
Coorientador: Prof. Dr. Albená Nunes da Silva.
Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto. Escola de Educação Física. Graduação em Educação Física .
Área de Concentração: Educação Física Escolar.

1. Dança. 2. Gênero. 3. Orientação sexual. 4. Educação Física Escolar.
I. Campos, Priscila Augusta Ferreira. II. Silva, Albená Nunes da. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 793.3

Bibliotecário(a) Responsável: Angela Maria Raimundo - SIAPE: 1.644.803



FOLHA DE APROVAÇÃO

Igor Henrique da Costa

Dança, masculinidade e heteronormatividade: “Se elas dançam, por que eles não dançam?”

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Educação Física - Licenciatura

Aprovada em 09 de abril de 2021

Membros da banca

Doutora - Priscila Augusta Ferreira Campos - Orientadora - Escola de Educação Física da Universidade da Federal de Ouro Preto

Doutor - Albená Nunes da Silva - co-orientador - Escola de Educação Física da Universidade da Federal de Ouro Preto

Mestre - Laura Fernanda Rodrigues da Rocha - Instituto Federal de Minas Gerais - campus Ouro Preto

Mestre - Juliana Castro Bergamini - Escola de Educação Física da Universidade da Federal de Ouro Preto

Priscila Augusta Ferreira Campos, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 16/042021



Documento assinado eletronicamente por **Priscila Augusta Ferreira Campos, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 16/04/2021, às 13:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0160383** e o código CRC **1F41DDB0**.

Dedico esta fase de conclusão acadêmica aos meus pais Aparecida Antunes Moreira da Costa e Geraldo Lino da Costa, que com amor, fé, apoio, zelo, muito esforço e motivação tornaram esta fase de minha vida algo possível. Sem vocês nada disso seria realidade.

Agradecimentos

Agradeço a minha família, em especial, as minhas irmãs: Marilda, Irene, Magda e Alessandra por todo carinho, companheirismo, respeito e motivação não presentes apenas na trajetória de minha graduação, mas em toda minha vida.

Agradeço aos meus sobrinhos: Nataly, Davi e Marina por serem sinônimos de luz, paz, alegria e esperança em minha vida.

Agradeço a minha irmã de coração Arielen por acreditar em mim, mesmo quando eu não conseguia e por nunca ter soltado a minha mão.

Agradeço a todos os meus amigos da Universidade Federal de Ouro Preto por estarem ao meu lado compartilhando juntos histórias inesquecíveis e por tudo que aprendemos uns com os outros.

Agradeço a Universidade Federal de Ouro Preto e a Escola de Educação Física, por seu ensino público, democrático e de qualidade.

Agradeço a todos os 200 estudantes que aceitaram participar da minha pesquisa e aos professores pela receptividade e acolhimento.

Agradeço as professoras Juliana e Laura por aceitarem compor a banca examinadora do meu trabalho de conclusão de curso e pelas contribuições vindouras.

Agradeço a minha orientadora Priscila por todo o carinho, atenção, orientação, dedicação e motivação envolvidos em minha graduação e nesta pesquisa, que me nortearam por um caminho humano, crítico e reflexivo. Obrigado também por aguentar toda a minha ansiedade e intensidade...

Agradeço também a todos os professores que tive a honra de aprender com eles por serem motivação de profissão e de vida. Em especial, Albená e Lenice, por me proporcionarem tantos crescimentos acadêmicos e pessoais que serão levados para a vida toda.

“Nem sempre podemos escolher a música que a vida toca, mas podemos escolher o jeito de dançar”

(Autoria desconhecida)

RESUMO

A dança é um dos conteúdos da Cultura Corporal de Movimento pertencentes a disciplina de Educação Física Escolar. Ainda hoje, é um conteúdo que sofre – assim como o futebol – uma problemática social relacionada ao gênero de seus praticantes, possuindo os meninos maior receio com o conteúdo do que as meninas. O objetivo deste trabalho foi compreender a visão de alunos do Ensino Médio acerca da dança e de sua prática masculina, antes, durante e após vivenciarem este conteúdo nas aulas de Educação Física. A amostra da pesquisa foi composta por estudantes matriculados no segundo ano do Ensino Médio de um Instituto Federal de uma cidade do interior de Minas Gerais. Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram questionário semiaberto, observações das aulas do conteúdo dança com registro em diário de campo, e entrevista semiestruturada. Por meio dos resultados obtidos antes, durante e após a aplicação do conteúdo danças nas aulas de Educação Física, foi possível identificar a diferença do significado atribuído a dança por parte dos estudantes, o preconceito cultural, a generificação de práticas corporais e os obstáculos encontrados pelo homem na dança. A masculinidade e o padrão heteronormativo existentes na sociedade moldam os comportamentos dos homens e das mulheres, o que acaba criando uma série de pré-requisitos e condições da dança do homem, dentro ou fora da escola.

Palavras Chaves: Dança, Gênero, Orientação Sexual, Educação Física Escolar.

ABSTRACT

Dance is one of the contents of the Body Culture of Movement belonging to the discipline of Physical Education at School. Even today, it is content that suffers - just like football - a social problem related to the gender of its practitioners, with boys having greater fear of the content than girls. The aim of this work was to understand the view of high school students about dance and their male practice, before, during and after experiencing this content in Physical Education classes. The research sample consisted of students enrolled in the second year of high school at a Federal Institute in a city in the interior of Minas Gerais. The data collection instruments used were a semi-open questionnaire, observations of the dance content classes recorded in a field diary, and a semi-structured interview. Through the results obtained before, during and after the application of the dances content in Physical Education classes, it was possible to identify the difference in the meaning attributed to dance by the students, cultural prejudice, the genification of body practices and the obstacles encountered by man in the dance. Masculinity and the heteronormative pattern that exist in society shape the behaviors of men and women, which ends up creating a series of prerequisites and conditions for the man's dance, inside or outside the school.

Keywords: Dance, Gender, Sexual Orientation, School Physical Education.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Identidade de gênero dos sujeitos da pesquisa	19
Tabela 2 - Orientação sexual dos sujeitos da pesquisa	19
Tabela 3 – Significado da dança para os sujeitos participantes	24
Tabela 4 - Espaços de contato com a dança	25
Tabela 5 - Motivos pelo qual o ensino da dança na escola é importante.....	29
Tabela 6 - Com quem os estudantes já dançaram em casa	31
Tabela 7 - A dança desconhecida	33
Tabela 8 - Os estilos de danças femininos, masculinos e de todos.....	35
Tabela 9 - Importância do ensino da dança para todos após o contato com o conteúdo dança	46
Tabela 10 - A vivência com o conteúdo danças	47
Tabela 11 - Sentimento de vergonha ou algo semelhante durante as aulas.....	48
Tabela 12 - Mudança (ou não) da concepção de dança dos estudantes.....	48
Tabela 13 - Coisas que marcaram os estudantes durante o período de contato com a dança	49
Tabela 14 - Ritmos musicais preferidos pelo sexo masculino e feminino	51
Tabela 15 - Os movimentos que os meninos possuíam receio	52
Tabela 16 - O ritmo em que ocorreu o receio do movimento por parte do sexo masculino	53
Tabela 17 - Motivo do receio do movimento por parte do sexo masculino	53
Tabela 18 - Os movimentos que as meninas possuíam receio.....	54
Tabela 19 - O ritmo/dança em que ocorreu o receio do movimento por parte do sexo feminino.....	55
Tabela 20 - Motivo do receio do movimento por parte do sexo feminino	55
Tabela 21 - Motivos da zoação contra os meninos.....	56
Tabela 22 - Motivos da dança ser mais difícil para os homens	59
Tabela 23 - Como a escola e a Educação Física podem mudar este cenário na sociedade	62

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – O gostar (ou não) de dançar.....	27
Gráfico 2 - Frequência semanal de prática da dança	28
Gráfico 3 - O ensino da dança na escola é importante?.....	29
Gráfico 4 - Existência de preconceito em relação ao homem que dança	41
Gráfico 5 - Motivos que fariam o sexo feminino e o sexo masculino questionarem a orientação sexual de um homem se ele dançasse.	43
Gráfico 6 - As pessoas que você conhece (família, amigos) questionariam a orientação sexual de um homem se ele dançasse?	44
Gráfico 7 - Diferença de postura, comportamento e/ou participação entre meninos e meninas	50

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

BPM – Batida por minuto

EF – Educação Física

GRAF – Gráfico

IF – Instituto Federal

LGBTQIA+ – Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queer, questionando, intersexuais, assexuais e outras expressões identitárias.

TA – Termo de Assentimento

TAB – Tabela

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1.0 INTRODUÇÃO	12
1.1 Objetivos.....	15
1.2 Justificativa.....	15
1.3 Construção da coreografia	17
1.3.1 Traçado de chão.....	17
1.3.2 Dançarinos	18
1.3.3 Referencial teórico.....	19
1.3.4 Espetáculo.....	19
1.3.5 Análise de dados	21
2. A DANÇA DIAGNÓSTICA: “VAI TER QUE DANÇAR NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA PROFESSOR?”	22
2.1 O ensaio	23
2.2 A dança dentro da escola	28
2.3 A dança fora da escola.....	31
2.4 As danças: desconhecida, de todos, feminina e masculina.....	32
2.4.1 A dança desconhecida	33
2.4.2 A dança de todos, a dança feminina e a dança masculina	34
2.5 A figura masculina na dança	38
2.5.1 Não é “zoação”, é brincadeira!	38
3. CINCO, SEIS, SETE E OITO.....	45
3.1 A vivência com o conteúdo danças	47
3.3 Os movimentos corporais	51
3.4 As “zoações”	56
3.5 A dança e o homem	58

3.6 Dança, sexualidade e cultura	60
3.7 O festival de danças	63
4. QUANDO A DANÇA TERMINA: POSE FINAL	65
REFERÊNCIAS	67
APÊNDICES	72
Apêndice I – Questionário	72
Apêndice II – Roteiro de entrevistas	76
ANEXOS	79
Anexo I – Carta de Anuência	79
Anexo II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	80
Anexo III – Termo de Assentimento	82

1.0 INTRODUÇÃO

Uma Educação Física escolar de qualidade deve abordar uma variedade de conteúdos da cultura corporal de movimento, e atender a todos os alunos, independentemente de seu sexo, gênero, sua idade, raça, etnia, religião, orientação sexual, condição financeira, entre outros. Nesse sentido, embora a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) oriente a diversidade de conteúdos a serem ministrados pelos professores, o que se percebe é que, na prática, isso não acontece.

A dança, foco deste estudo, é um conteúdo pouco trabalhado na Educação Física como conhecimento escolar (EHRENBERG e GALLARDO, 2005), mesmo estando presente na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017). Segundo De Souza e Brasileiro (2019, p.5) “a dança tem a possibilidade de estar presente na escola via as aulas de Educação Física, via as aulas de Arte, via as aulas de Dança como linguagem específica ou mesmo em atividades extracurriculares.”

Na maioria das vezes, a dança é trabalhada na escola apenas em períodos festivos, geralmente, nas festas juninas, ou em outras datas comemorativas, e não está inserida no planejamento do professor durante o ano letivo.

Alguns estudos relacionam a ausência deste conteúdo ao despreparo dos profissionais em sua formação inicial. Segundo Betti (1999), por exemplo, a falta de conhecimento e a insegurança fazem com que os professores acabem trabalhando apenas com conteúdos que dominam e com os quais possuem mais afinidade. Assim, o que se percebe nas realidades escolares é que o despreparo na formação inicial, a ausência de uma formação complementar e a carência da sistematização e segmentação de conteúdos podem acabar resultando em uma preferência pela prática de esportes não apenas pelos professores, mas também pelos alunos.

Na educação básica, a prática de esportes tem sido supervalorizada e é o conteúdo da cultura corporal de movimento mais utilizado (BETTI, 1999). Diferentemente do que acontecia nas aulas de Educação Física até algumas décadas atrás, hoje em dia, não há mais uma separação física e/ou espacial entre meninos e meninas. Ainda assim, na prática, o que se percebe é que, quando os professores deixam os alunos e as alunas realizarem qualquer atividade, tende a ocorrer uma divisão cultural e simbólica, em que os meninos jogam, quase sempre, futebol, e as meninas vão dançar ou conversar fora da quadra (DE LIMA; DINIS, 2007). Com isso, uma divisão sexista tende a ser criada a partir desse pensamento preconceituoso, em que as

atividades associadas à agressividade, à virilidade, à força e à coragem são rotuladas como práticas masculinas, e as práticas vinculadas à delicadeza, à intuição, à sensibilidade e ao medo são rotuladas como femininas (WENETZ, 2017). Esse tipo de rotulação dos conteúdos pode acabar provocando o desinteresse e a desmotivação dos alunos, tanto dos meninos quanto das meninas.

Percebe-se, nesses casos, o estabelecimento de um padrão heteronormativo definidor do que seria feminino e do que seria masculino.

Imaginemos uma organização inserida numa sociedade em que os padrões de comportamentos heterossexuais são os dominantes, em que todos aqueles que se desviem desses padrões são estigmatizados. Essa seria então uma sociedade heteronormativa. Imaginemos agora uma organização inserida nessa sociedade heteronormativa e como tal reproduz os valores e as normas dessa sociedade. [...] A heteronormatividade age no sentido de enquadrar todas as relações, mesmo as relações entre pessoas do mesmo sexo, em um binarismo de gênero que pretende organizar as práticas, os atos e desejos, com base no modelo do casal heterossexual reprodutivo. (SOUZA, PEREIRA, 2013, p. 84 e 86)

Percebemos que os padrões heteronormativos não são estáticos, isto é, modificam com o tempo e o espaço. Entendemos, também, que a sociedade ao longo dos anos vem questionando esses padrões, principalmente a partir dos estudos de gênero que tencionam o *status quo*, buscando a igualdade de oportunidades e de possibilidades entre homens e mulheres e o fim dos estereótipos de gênero, dos preconceitos e das limitações de práticas, esportivas ou não.

Nesta pesquisa utilizaremos o conceito de gênero adotado por Scoot (2005) que o definiu como um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos. Importante ressaltar que estas diferenças não são caracterizadas pelo determinismo biológico, mas por características identitárias e culturais.

Segundo Pereira (2009), a Educação Física é uma área privilegiada para discutirmos as discriminações de gênero, pois muitas crianças são privadas de vários estímulos por serem homens ou mulheres. Na prática, isso é evidenciado em alguns conteúdos da área, como o futebol e a dança, em que os alunos que não se sentem representados culturalmente pela prática podem acabar se autoexcluindo da atividade. Nesse sentido, o autor ressalta que o professor, por meio do diálogo, pode “recuperar” esses alunos, ao utilizar os próprios conteúdos da Educação Física para promover a quebra de preconceitos, de medo e de discriminações.

Quando trabalhada na escola, a dança costuma ser recebida com maior receio pelos meninos, pois, muitas vezes, eles nunca tiveram contato com esse conteúdo. Segundo Stinson (1995), isso acontece porque os homens, em nossa sociedade, começam a dançar muito mais

tarde do que as mulheres, na adolescência ou somente na idade adulta, quando já desenvolveram algum sentido de identidade individual e de “voz”.

Os primeiros a se expressarem através da dança, segundo alguns estudos, foram os homens. A dança ocidental durante os séculos XVI e XVII era exclusivamente masculina, os homens não apenas dançavam como também incorporavam papéis femininos em apresentações. Durante este período, as mulheres se configuravam apenas como plateia. (DE ASSIS e DO CARMO SARAIVA, 2013). Desde a Idade Média a dança sofreu e vem sofrendo modificações a partir de contextos culturais históricos, religiosos e/ou políticos que acabam atualizando o seu significado e os seus praticantes.

Na antiguidade, em civilizações como a egípcia, grega e romana os homens realizavam a figura de protagonistas desta expressiva arte cênica. A dança começa o seu período de declínio na Idade Média (476 a 1453), pois, com a dominação da Igreja Católica, a dança passa a ser vista como sinônimo de pecado[...]. Com a queda do *status* social da dança, esta passa a ser desvalorizada e a sua prática se torna pouco atrativa (sobretudo por parte dos homens). Por outro lado, ela passa a ser associada com o corpo feminino e sua mercadorização, pois além de visibilidade sensual, também passa a ser uma fonte de renda e ascensão social às mulheres que desafiavam a cultura através de sua prática. (GONÇALVES, 2014, p. 106)

Santos e Filho (2012, p. 1), ancorados nas contribuições de Stinson (1995) e de Rosa (2006) percebem estas modificações quando ressaltam que, “durante muito tempo, ainda na sociedade moderna, dançar se tornou uma prática essencialmente feminina e todo o homem que ousasse praticar a dança teria a sua masculinidade questionada”.

Esta relação dança *versus* orientação sexual e gênero é antiga, segundo De Assis e Do Carmo Saraiva (2013, p.307), “estudos indicam que foi depois da era do Rei Luís XIV de Bourbon (1638-1715) que a cultura ocidental passou a associar o homem que dança profissionalmente com a homossexualidade e efeminação”.

É importante ressaltar uma contribuição da dança no processo de autoconhecimento dos estudantes que se encontram em processo de desenvolvimento da própria identidade, pois, como afirma Nanni (2002), a expressividade na dança é uma conotação que deixa extravasar uma personalidade. Ou seja, por meio do próprio movimento e das suas emoções, o aluno pode conhecer, construir, entender e expressar sua identidade social.

1.1 Objetivos

O presente estudo tem como objetivo geral compreender a visão de alunos do Ensino Médio sobre o homem que dança, antes, durante e após vivenciarem este conteúdo nas aulas de Educação Física escolar.

Sendo seu objetivo específico identificar quais as nuances relacionadas ao gênero, à sexualidade, à heteronormatividade, ao preconceito, aos estilos de dança e à realidade durante o período de contato desses estudantes do Ensino Médio nas aulas de Educação Física escolar com o conteúdo dança.

1.2 Justificativa

A dança é algo peculiar do ser humano assim como o simples ato de movimentar-se. Porém é preciso reconhecer os obstáculos encontrados pelos homens em diferentes realidades e desmistificar a concepção de que é a dança uma prática inerente às mulheres. Não se pode julgar o aluno que desconhece a dança e/ou tem vergonha de dançar, quando ele traz, em sua cultura, uma concepção errônea da dança como atividade estritamente feminina, e que, se praticá-la, poderá ter sua orientação sexual questionada. O movimento humano não pode ser condicionado ao sexo, ao gênero, ou até mesmo a orientação sexual do indivíduo quando todos possuem os mesmos direitos, os mesmos deveres e as mesmas possibilidades físicas, mentais, sociais e culturais para se movimentar e se expressar.

O cenário dessa dança neste estudo é o espaço escolar, mas especificamente as aulas de Educação Física. A escolha do Instituto Federal (IF) se deveu ao fato do ambiente se tratar de um espaço escolar que além de possuir um planejamento coletivo dos professores a respeito da divisão de conteúdos da EF a serem trabalhados durante o Ensino Médio, possui a dança como conteúdo trabalhado no segundo ano. Para Pacheco (2018, p.15), “os Institutos Federais, com uma proposta singular de organização e gestão, no diálogo com as realidades regional e local e em sintonia com o global, costuram o tecido de uma rede social [...]”

Frigotto e Araújo (2018, p. 249 e 251) contribuem para a caracterização do trato pedagógico do ensino integral dos Institutos Federais:

Não apenas uma forma de oferta da educação profissional de nível médio, o ensino integrado é uma proposição pedagógica que se compromete com a utopia de uma formação inteira, que não se satisfaz com a socialização de fragmentos da cultura sistematizada e que compreende como direito de todos o acesso a um processo formativo, inclusive escolar, que promova o desenvolvimento de suas amplas faculdades físicas e intelectuais. [...] O ensino integrado é um projeto que traz um conteúdo político-pedagógico engajado, comprometido com ações formativas integradoras (em oposição às práticas fragmentadoras do saber), capazes de promover a autonomia e ampliar os horizontes (a liberdade) dos sujeitos das práticas pedagógicas, professores e alunos, principalmente.

Especificamente, no IF de realização desse estudo, a proposta pedagógica da EF dos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio entende as práticas corporais como linguagens de construções sócio-históricas.

Propomos que tais práticas sejam experimentadas, vivenciadas, sentidas, transmitidas, trocadas, (re)criadas, apropriadas, transformadas, verbalizadas, questionadas, em um contexto escolar que tenha como objetivo a formação dos(as) estudantes, buscando diversidade de conhecimentos, autonomia e empoderamento como pilares desta formação (CODAFID, 2016, *apud* ROCHA, s.d., p. 139).

Importante ressaltar também que o IF foi o único espaço escolar encontrado na região com estas características, o que impediu este estudo ser realizado em outro espaço escolar em que a dança fosse trabalhada por professores de EF em suas turmas.

O conteúdo danças é inserido no currículo do 2º ano dentro do pilar diversidade juntamente com as atividades rítmicas, lutas e capoeira, e esportes não convencionais e paraolímpicos. Na proposta pedagógica a diversidade é entendida como “diversidade de conteúdos; diversidade de pessoas; diversidade de equipamentos, espaços e materiais; diversidade de abordagens e métodos” (ROCHA, s.d., p.139).

Nesse sentido, este estudo traz para a área da Educação Física a possibilidade de discussão acerca do gênero, da sexualidade e do preconceito no trabalho com a dança na escola. Com os resultados busca-se estimular a utilização do conteúdo pelo professor de EF e que o mesmo promova a sua prática por todos os alunos independente do seu sexo, gênero e orientação sexual. Além de contribuir para a formação de novos profissionais de EF e atuação de profissionais de EF formados, este estudo traz para a sociedade, através de um trabalho de campo desenvolvido em uma escola, a importância de discussão da problemática encontrada pelos homens na dança, que vai muito além do homem, da música e da dança.

Nesta pesquisa, há a defesa de uma prática docente que considera o professor como um mediador do processo de aprendizagem, que deve tentar desmistificar essa concepção equivocada por meio do desenvolvimento de conteúdos ministrados, de valores e de atitudes que associem a dança como um meio de educação e inclusão capaz de garantir oportunidade, possibilidade e liberdade de sua prática por todos.

1.3 Construção da coreografia

1.3.1 Traçado de chão

Este estudo privilegiou uma abordagem qualitativa do tipo pesquisa de campo. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 16) compreendemos que pesquisas de abordagem qualitativa “[...] privilegiam a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação”. De acordo com Fonseca (2002), conforme citado por Gerhardt e Silveira (2009, p.37) “a pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto às pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa”.

Os instrumentos de coleta de dados selecionados foram questionário estruturado com questões abertas e fechadas elaborado por mim e minha orientadora (Apêndice); observações das práticas do conteúdo de dança que foi ministrado em aulas de Educação Física de um Instituto Federal de uma cidade do interior de Minas Gerais, com registro em diário de campo e entrevista semiestruturada elaborada por mim e minha orientadora (Apêndice) com os estudantes. O tempo de duração da coleta de dados foi de junho/2019 a fevereiro/2020.

A opção por analisar o caso do Instituto Federal deveu-se ao fato de que, na instituição, a dança é um conteúdo pertencente ao plano de ensino do 2º ano do Ensino Médio. Com isso, a amostra deste estudo foi composta pelos alunos e alunas matriculados/as nessas turmas. Além disso, esperou-se que a opção pela análise das experiências vividas nas aulas de Educação Física desses sujeitos, proporcionasse o contato com adolescentes dispostos a discutir criticamente sobre as questões de gênero, masculinidade e heteronormatividade, e que se encontrassem em processo de autoconhecimento e autoafirmação sociocultural.

Para garantir um cuidado ético com a realização desta pesquisa, o estudo respeitou todas as normas estabelecidas pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP e foi aprovado mediante o protocolo CAAE 60070016.5.0000.5150, sob o parecer de número 2.123.908. Além disso, para garantir que os dados da pesquisa sejam gerados com rigor científico, um estudo piloto foi realizado.

Importante ressaltar que, logo no primeiro contato com o pesquisador, os estudantes receberam todas as informações acerca do objetivo da pesquisa e receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento (TA). Estes documentos, de manifestação clara de concordância dos indivíduos participantes da pesquisa e/ou de seus pais ou responsáveis, permitiram a tomada de decisões de forma ética, livre de constrangimentos.

Caso o participante fosse menor de idade, este deveria assinar o TA e seus responsáveis, o TCLE. Já os estudantes com idade igual ou superior a 18 anos, puderam assinar seus próprios documentos. Os estudantes entregaram ao pesquisador os documentos assinados no encontro seguinte.

1.3.2 Dançarinos

No total, participaram desta pesquisa 200 estudantes do segundo ano do Ensino Médio de um Instituto Federal de uma cidade do interior de Minas Gerais, sendo respectivamente: 97 estudantes do sexo masculino, 102 estudantes do sexo feminino e 1 estudante do sexo intersexo.

A idade média dos alunos foi de 16,47 anos. A TAB. 1 representa a distribuição da identidade de gênero dos sujeitos da pesquisa e a TAB. 2 representa a distribuição da orientação sexual dos sujeitos da pesquisa. Achamos necessária essa divisão para compreendermos como as identidades de gênero e as orientações sexuais se relacionam com os conceitos e os pré-conceitos sobre a relação do homem com a dança.

Tabela 1- Identidade de gênero dos sujeitos da pesquisa

Gênero	Quantidade
Mulher cisgênero	100 (50%)
Homem cisgênero	89 (44,50%)
Gênero não binário	4 (2,0%)
Não respondeu	7 (3,5%)
Total	200 (100%)

Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Tabela 2 - Orientação sexual dos sujeitos da pesquisa

Orientação sexual	Quantidade
Heterossexuais	160 (80,0%)
Homossexuais	8 (4,0%)
Bissexuais	20 (10,0%)
Assexuais	1 (0,5%)
Pansexuais	3 (1,5%)
Demissexuais	1 (0,5%)
Desconhecidos	3 (1,5%)
Não respondeu	4 (2,0%)
Total	200 (100%)

Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

1.3.3 Referencial teórico

Durante o desenvolvimento desta pesquisa foi realizado, progressivamente, um levantamento bibliográfico, com fichamento de textos e de artigos acadêmicos sobre dança, gênero e Educação Física Escolar, a fim de evidenciar a prática masculina dentro e fora do âmbito escolar, e de contribuir para a coleta e análise dos dados.

1.3.4 Espetáculo

O espetáculo ocorreu em três atos, isto é, a coleta de dados ocorreu em três momentos distintos. No primeiro momento apliquei, em sala de aula, o questionário, para todos os estudantes de 10 turmas de segundo ano, antes dos professores de educação física iniciarem o

período dedicado ao conteúdo dança (de acordo com a matriz curricular do IF). Esse questionário serviu de diagnóstico para saber como os/as estudantes compreendem a dança, os ritmos/estilos, a figura do homem e a mulher na dança.

No segundo momento, acompanhei as aulas de uma professora que ministrava aula para quatro turmas. Todas as observações foram registradas em diário de campo. A escolha das turmas obedeceu a compatibilidade de horário entre pesquisador e professora e a intenção de delimitar e acompanhar um grupo durante o contato com o conteúdo dança nas aulas de Educação Física. O objetivo foi comparar e relacionar a vivência desse conteúdo na prática escolar com os resultados obtidos por meio das respostas dos questionários. Dessa forma, foi possível conhecer e analisar como esses alunos percebiam a prática desse conteúdo nas aulas de Educação Física, como as aulas se desenvolviam, as posturas e os comentários dos alunos sobre a prática da dança, especificamente, a prática masculina.

No terceiro e último momento, selecionei 10 estudantes para participarem da entrevista semiestruturada no final do ano letivo, sendo 7 estudantes do sexo masculino e 3 estudantes do sexo feminino. A escolha dos alunos ocorreu de acordo com as respostas dos questionários, pelas observações em sala de aula e também por indicação dos professores. Participaram da entrevista estudantes de todos os cinco cursos técnicos integrados, alcançando um total de cinco turmas.

Importante ressaltar que as perguntas da entrevista foram diferentes das perguntas do questionário, buscando um aprofundamento no entendimento do tema. Para verificação do momento do semestre em que esse módulo fosse finalizado, o conteúdo programático da disciplina de Educação Física do IF foi consultado. Assim, o questionário, as observações registradas em diário de campo e a entrevista foram analisados para considerar os resultados obtidos nos três diferentes momentos de sua aplicação (antes do conteúdo sobre danças ser ministrado nas aulas de Educação Física, durante e após o fim de sua aplicação). Pretendeu-se, dessa maneira, identificar semelhanças e/ou diferenças nas respostas dos alunos, após o período de vivência e de aprendizado do conteúdo sobre danças nas aulas de EF.

1.3.5 Análise de dados

As respostas dos questionários foram transcritas para uma planilha do Excel 2013 para uma análise descritiva dos dados. As observações registradas em diário de campo foram manuscritas em blocos de notas e no final foi realizada uma análise descritivas destes dados. Já as entrevistas foram gravadas em áudio utilizando a ferramenta do gravador de voz do smartphone Samsung J6 Plus e, posteriormente, foram transcritas em documento do Word 2013. Para representação dos dados em gráficos e tabelas realizou-se, a partir da frequência de respostas, o agrupamento por categorização.

Para a análise e interpretação dos dados foi utilizada a técnica da triangulação de dados. Segundo Denzi e Lincoln (2006, p.19) “o uso de múltiplos métodos, ou da triangulação, reflete uma tentativa de assegurar uma compreensão em profundidade do fenômeno em questão”. Os autores classificam a triangulação de dados não como uma ferramenta ou uma estratégia de validação, mas como uma alternativa para a validação de uma pesquisa em que se empreende múltiplas práticas metodológicas, materiais empíricos, perspectivas e observações em um único estudo.

2. A DANÇA DIAGNÓSTICA: “VAI TER QUE DANÇAR NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA PROFESSOR?”¹

O sentimento de ansiedade predominava em todas as turmas, em especial nos homens. As falas de corredor das mulheres eram na maioria relacionadas aos ritmos musicais, em especial o funk. Algumas estavam animadas e outras nem tanto, mas, no geral, não apresentavam qualquer sentimento de negação. Já as falas dos homens, em tons de desabafo, eram de decepção e desaprovação. Ao entrar em sala de aula carreguei a mesma sensação, em todas as turmas, a de que as mulheres já sabiam o que era dança, mas os homens pareciam não saber e/ou se negavam a saber o que estava por vir (observações do diário de campo registradas em junho de 2019).

Isto se tornou explícito em muitas turmas e em diferentes ocasiões, como por exemplo, na primeira aula de uma turma quando dois estudantes do sexo masculino foram embora quando souberam que o novo conteúdo era dança (diário de campo, 12/07/2019); em outra turma, antes mesmo de entrar para a aula um estudante perguntou para o outro “*Preparado para dançar?*” e o outro estudante o respondeu com outra dúvida: “*Será que vamos ter que dançar balé?*” (diário de campo, 15/07/2019); já a terceira turma apresentou uma postura mais rígida e fechada em aceitação ao conteúdo quando um estudante disse em voz alta afirmando que “*o semestre da depressão da Educação Física é a dança*”, nesta turma ainda 8 estudantes não participaram da aula que era teórica (diário de campo, 15/07/2019).

Por fim, mas não finalizando, em uma quarta turma, me chamou muita atenção quando a professora terminou a parte teórica e iniciou uma dinâmica prática com os alunos de construção de pequenas coreografias com movimentos criados pelos próprios alunos.

Todos estavam participando até então, mas em certo momento um menino se retirou e sentou encostado na parede em um canto da sala. Algumas pessoas olharam, mas voltaram a atenção para a atividade. Continuei observando-o e notei que o mesmo estava chorando e disfarçando para que ninguém o visse, e assim permaneceu até o fim da aula, quando então me dirigi para notificar a professora, que não havia percebido a situação. Ao ter conhecimento, foi auxiliar o aluno. Ao perguntar o que estava acontecendo ou tinha acontecido, o aluno disse “*Professora, me desculpa, não é com você e nem com a aula, mas eu tenho um trauma com a dança desde novo. Não consigo fazer, e me sinto mal só de ver alguém dançando. Acho que eu vou reprovar, mas não vai dar para continuar*” (diário de campo, 16/07/2019).

¹ Trecho extraído do caderno de campo do dia 16/07/2019 por um estudante do sexo masculino ao entrar na sala para a primeira aula de danças em que a professora realizaria a apresentação do conteúdo danças e das formas de avaliação, antes mesmo do início das aulas práticas. A fala do aluno representou naquele momento uma dúvida de toda a turma, principalmente dos meninos que pareciam querer qualquer outra coisa, menos dançar.

Fato é que em todas as turmas houve receio com o conteúdo por parte dos estudantes, maioria homens, que questionavam sobre a obrigatoriedade ou não da participação nas atividades e de terem que se apresentar no festival da escola, uma das formas de avaliação. A professora deixou claro que os alunos poderiam participar da organização do conteúdo, propondo e acrescentando propostas, e não necessariamente precisariam dançar para toda a escola, caso não se sentissem confortáveis, mas que era essencial algum tipo de participação.

Para o entendimento do estranhamento dos meninos no primeiro contato com a dança nas aulas de EF podemos nos ampararmos nas contribuições de Do Valle Leitão e De Sousa (1995, p. 256):

Infelizmente, esta situação, hoje em dia, não mudou muito. Muitos professores de Educação Física ainda não conseguiram encontrar uma forma pedagógica de superar esta herança cultural. [...] Temos uma educação que abastece os indivíduos do sexo masculino com valores artificiais, superficiais e materiais como: os fortes, os melhores, os durões, os bons de bola, etc. Talvez, por isso encontra-se homens sem consciência de como se expressar, conduzir ou administrar seus desejos e afetos (Nolasco, 1990). E, ainda por estas razões, estejam limitados ou bloqueados quando as atividades relacionadas dança, ritmo e harmonia, lhes são solicitadas e suas atitudes são de negligenciá-las, uma vez que estas atividades podem vir a afetar sua identidade sexual ou masculinidade.

Percebe-se tanto a partir das observações em sala de aula do estranhamento dos meninos com a dança quanto na literatura que eles chegam para a prática de aulas de Educação Física com uma espécie de “manual da masculinidade”. Importante compreender que esse “manual da masculinidade” transcende os muros da escola e é a todo momento reafirmado pela cultura indiretamente – através de comentários do tipo “*dançar não é coisa de homem!*” – ou diretamente – quando ao homem nenhuma prática de dança é oferecida/permitida ou quando ele se nega praticá-la por preconceitos.

2.1 O ensaio

Afim de estabelecer um ponto de partida e compreensão do entendimento prévio dos discentes acerca da dança, os estudantes responderam o que o conteúdo significava para eles. As respostas foram agrupadas por temáticas de acordo com a TAB. 3.

Tabela 3 – Significado da dança para os sujeitos participantes

RESPOSTAS DOS ALUNOS	RESULTADO GERAL (%)	RESULTADO MASCULINO (%)	RESULTADO FEMININO (%)	RESULTADO INTERSEEXO (%)
Expressão corporal	26,00	21,65	30,39	0
Movimentar o corpo no ritmo	19,50	23,71	15,69	0
Arte	15,50	14,43	16,67	0
Expressão de sentimentos	11,50	7,22	15,69	0
Coreografia	8,50	12,37	3,92	100
Diversão	6,00	4,12	7,84	0
Atividade Física / Esporte	6,00	9,28	2,94	0
Bem-estar	2,50	2,06	2,94	0
Não respondeu	1,50	1,03	1,96	0
Interação	1,50	2,06	0,98	0
Não sei dizer	0,50	1,03	0,98	0
“Troço inútil”	0,50	1,03	0	0
Total	100% = 200	100% = 97	100% = 102	100% = 1

Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

A maioria dos estudantes responderam que, para eles, a dança significa 1) forma de expressão corporal (26%), 2) movimentar o corpo no ritmo (19,5%), 3) arte (15,5%) e 4) forma de expressão dos sentimentos (11,5%). Quando se analisa as respostas por sexos percebe-se uma repetição desta frequência de respostas ainda que contenha algumas variações na ordenação, como foi o caso do sexo feminino. Já no sexo masculino a dança entendida como coreografia (12,37%), juntamente com o sexo intersexo, aparece no lugar da dança enquanto forma de expressão dos sentimentos (7,22%).

Percebe-se também através da TAB. 3 que o sexo masculino se preocupa mais em “mexer o corpo no ritmo” do que o sexo feminino (23,71% e 15,69%, respectivamente). Isto também foi possível de observar nas aulas registradas no diário de campo, em que os estudantes do sexo masculino demonstravam uma maior preocupação de execução correta dos passos dentro da coreografia, alegando, muitas vezes, ser muito difícil seguir o ritmo, embora a professora nunca tenha solicitado uma coreografia específica.

Em uma das aulas práticas isto foi possível de perceber quando a professora disponibilizava diversas músicas de ritmos diferentes para que os alunos escolhessem tanto nas atividades que envolvia toda a turma quanto nas atividades em grupo. Em músicas mais lentas todos executavam da sua maneira, mas sem dificuldades.

Quando o ritmo acelerava, o BPM (batida por minuto) da música subia, os movimentos se tornavam mais rápidos e os meninos pareciam ficar desanimados realizando comentários como “essa música não é para gente”, “elas dançam bem melhor”, “nossa, você é enferrujado

hein”, “impossível”, “a gente não tem ritmo mesmo não” e “se depender da minha dança eu não passo na disciplina” (trechos do diário de campo, 01/08/2019).

Segundo Klages (in Fritsch, 1988, p.61) conforme citado por Kunz (2003, p.116) “mover-se num ritmo significa ser apanhado pelo impulso de vida”. Interessante pensar que, para o autor, a satisfação, fascinação e envolvimento que o ritmo provoca, encontra-se no fato de ser o ritmo, mais do que expressão do empenho em movimento, a expressão mesma. Outro ponto a ser considerado é que este movimento, em nenhum momento é classificado como espontâneo, mas dependente da superação das inibições construídas ao longo da vida por força da vontade e do autodomínio determinados pela vivência cultural.

O significado atribuído a dança pelos homens, neste estudo, carrega uma herança da dança inserida na escola brasileira em 1854 que possuía caráter e objetivos biologicistas (EHRENVERG e GALLARDO 2005). Nesse modelo de ensino da dança, que é encontrado ainda em muitas escolas, embora não tenha sido percebido no IF durante a realização deste estudo, o professor cria a coreografia e os alunos a reproduzem. A partir destas contribuições dos autores e da preocupação percebida do sexo masculino a respeito do ritmo podemos começar a entender que por trás desta resposta pode haver uma demonstração de inibição maior nos homens do que nas mulheres.

Além de compreender o significado diagnóstico da dança por parte dos estudantes também buscou-se saber se eles já possuíam algum tipo de contato com o conteúdo antes de tê-lo nas aulas de Educação Física e, se caso positivo, onde aconteceu. Ao todo 154 estudantes já tiveram contato com dança (77%) e 46 estudantes nunca tiveram contato com dança (23%).

Confirmando a hipótese inicial do pesquisador, o sexo feminino alegou possuir mais contatos com a dança (90,20%) do que o sexo masculino (62,89%).

Tabela 4 - Espaços de contato com a dança

RESPOSTAS	RESULTADO GERAL (%)	RESULTADO MASCULINO (%)	RESULTADO FEMININO (%)	RESULTADO INTERSEXO (%)
Escola	31,55	37,84	27,69	50
Aulas de dança / Academias	26,70	10,81	36,92	0
Festa / Eventos	24,76	35,14	18,46	50
Casa	8,74	4,05	11,54	0
Jogos	2,91	6,76	0,76	0
Não disse qual	2,43	2,70	2,31	0
Teatro	1,46	2,70	0,76	0
Igreja	0,97	0	0,76	0
Total	100% = 206 contatos	100% = 74 contatos	100% = 130 contatos	100% = 2 contatos

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Conforme representado na TAB. 4 os estudantes que já tiveram contato com a dança conseguiram citar 206 espaços em que eles ocorreram. O principal contato com a dança segundo os estudantes aconteceu na escola (31,55%), seguido das aulas de dança em academias (26,7%), e em festas/eventos (24,76%). Percebemos aqui a importância do professor de Educação Física incluir a dança no seu planejamento anual, pois pode ser na escola o único contato do estudante, principalmente o homem, com o ensino da dança de uma forma sistematizada ao longo da vida. Visto que outros espaços podem não oferecer possibilidade e incentivo para a prática da dança, principalmente para o sexo masculino que teve o maior contato com a dança também na escola (37,84%).

Quando se analisa a dança enquanto atividade física percebe-se também uma generificação dos espaços em que os contatos ocorrem fora da escola. O maior contato do sexo feminino com a dança ocorre em aulas de academia e/ou escolas de dança (36,92%) em aulas especializadas e sistematizadas, mas a frequência do sexo masculino neste espaço é bem menor (10,81%).

O estudo de Altmann *et al.* (2018) também observou esta grande diferença entre praticantes quando observados pela ótica do gênero. No estudo, Altmann *et al.* buscou conhecer as principais atividades físicas e esportivas extracurriculares praticadas por gênero, no resultado geral em quinto lugar esteve presente a dança. O ponto mais interessante é a grande diferença entre a participação de meninos e meninas: de todos os alunos que praticavam a dança fora da escola 94% eram meninas e apenas 6% eram meninos. O oposto ocorreu com o futebol que ocupou o primeiro lugar no resultado geral: 85,6% daqueles que mencionaram jogar futebol em contextos extracurriculares são meninos e 14,4%, meninas.

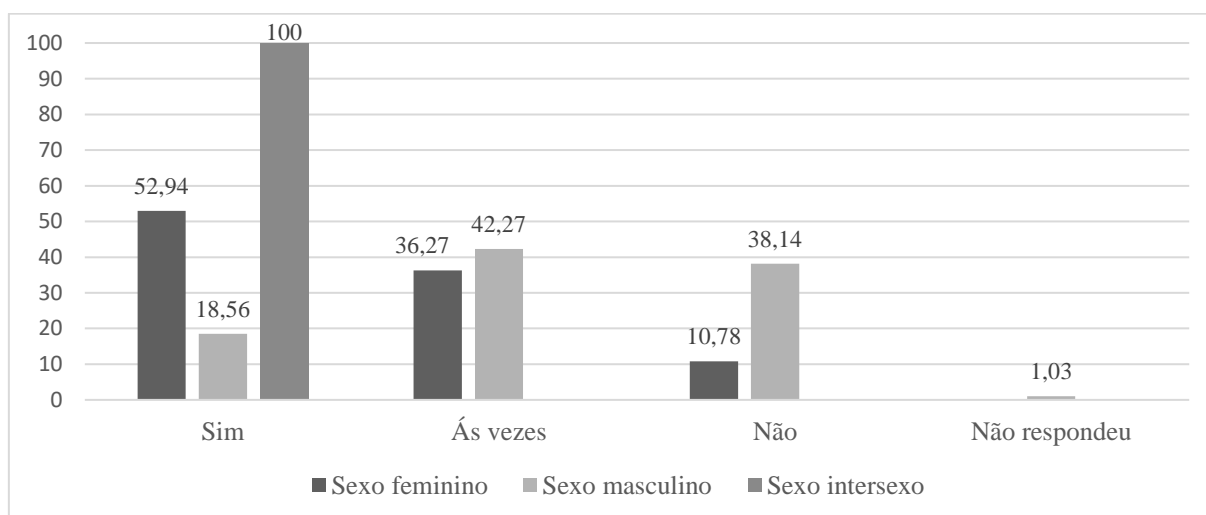
Sobre muitas práticas corporais serem negadas para determinado gênero e songadas para outro, Kleinubing, Do Carmo Saraiva e Francischi (2013, p.75) colocam a dança como a prática corporal que melhor pode representar esta questão “[...]pois suas manifestações, tanto no âmbito das escolas, academias e companhias de dança, quanto nas realizadas fora desses espaços, como a escola formal, sofreram grande influência desse modo de pensar.”

A partir deste ponto já podemos perceber que a problemática do homem na dança não é restrita apenas ao âmbito escolar, a escola se configura apenas como mais um dos ambientes em que ela também acontece.

Além de compreender o entendimento da importância do ensino da dança na escola é preciso conhecer o indivíduo, entender se ele gosta ou não daquela prática. Sobre gostar ou não de dançar, no total, cerca de 78 estudantes (39%) afirmaram às vezes gostar de dançar, 73

estudantes (36,5%) afirmaram gostar de dançar, 48 estudantes (24%) não gostam de dançar e 1 estudante (0,5%) não respondeu. Conforme mostrado no GRAF. 1, o estudante do sexo intersexo afirmou gostar de dançar, as estudantes do sexo feminino gostam de dançar mais do que os estudantes do sexo masculino e a porcentagem de estudantes que não gostam de dançar é bem maior no sexo masculino (38,14%) do que no sexo feminino (10,78%).

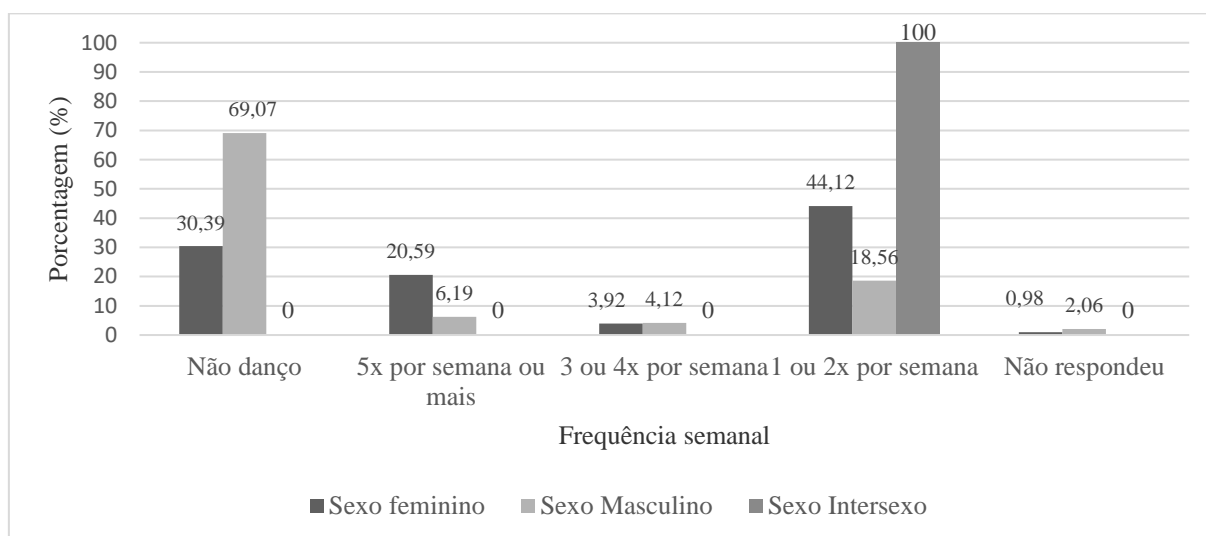
Gráfico 1 – O gostar (ou não) de dançar



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

É possível perceber também que o sexo masculino não dança quando analisamos a frequência que o mesmo possui de práticas durante a sua semana. A maior parte dos estudantes do sexo masculino, 67 estudantes (69,07%) afirmaram não possuir nenhuma frequência da prática da dança durante a semana. Dos que dançam, a maior frequência foi de uma ou duas vezes por semana (18,56%).

Quando analisamos o sexo feminino a frequência de uma ou duas vezes por semana de prática de dança também é a mais alta (44,12%), indicando que muitas têm a dança como uma atividade física. A porcentagem de estudantes que não possuem nenhuma prática de dança durante a semana é bem menor (30,39%) quando comparada ao sexo masculino, conforme mostra o GRAF. 2.

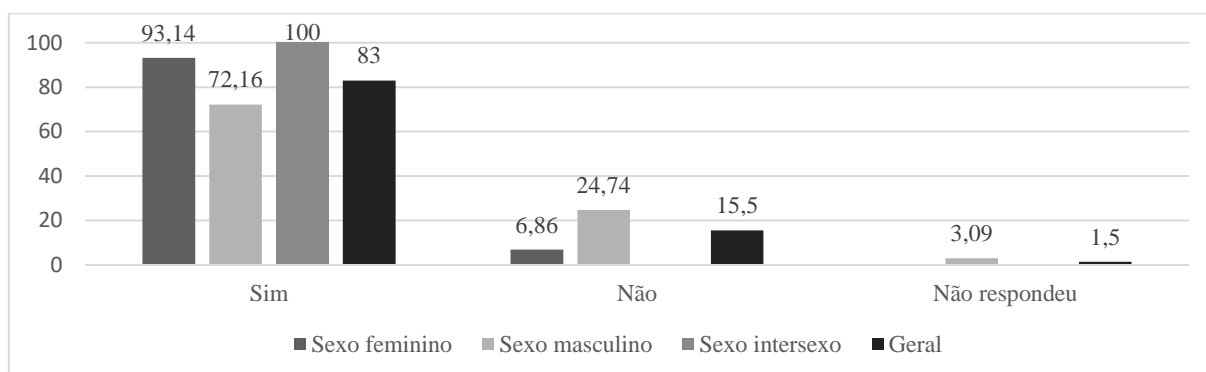
Gráfico 2 - Frequência semanal de prática da dança

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

A relação da frequência semanal de prática de dança confirma, novamente, a desigualdade entre gêneros. Segundo Goellner (2007) esses estereótipos são ditados a partir de regras e padrões estabelecidos pela sociedade, no qual o indivíduo aprende a ser mulher ou a ser homem e adapta seu comportamento de acordo com esse papel. Esta parece ser uma realidade dos participantes deste estudo conforme veremos posteriormente através dos seus comportamentos.

2.2 A dança dentro da escola

Representando o espaço em que os estudantes possuem maior contato com a dança, ainda assim, será que eles consideram importante o ensino da dança na escola? Quando perguntados 83% dos alunos consideram que é importante e 15,5% não consideram importante. A porcentagem mais alta de estudantes que não consideram o ensino da dança na escola importante acontece dentre os estudantes do sexo masculino (24,74%). Os resultados acerca da importância do ensino da dança na escola estão representados a seguir no GRAF. 3 e os motivos que a tornam importante na TAB. 5, respectivamente.

Gráfico 3 - O ensino da dança na escola é importante?

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Tabela 5 - Motivos pelo qual o ensino da dança na escola é importante

Motivo	Resultado Geral (%)	Resultado Feminino (%)	Resultado Masculino (%)	Resultado Intersexo (%)
Prática da atividade física e seus benefícios	19,42	20,59	17,65	50
Consciência e expressão corporal e mental	17,48	27,45	7,84	0
Conhecimento e cultura	14,08	11,76	16,67	0
Perca da vergonha/preconceito/timidez	12,62	11,76	13,73	0
Não especificou	11,17	8,82	13,73	0
Recreação e diversão	9,71	8,82	9,80	50
Não tem importância	8,74	3,92	13,73	0
Oportunidades e experiência para o mercado de trabalho	4,85	3,92	5,88	0
Promoção de valores sociais	1,94	2,94	0,98	0
Total	100%	100%	100%	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Os estudantes consideram que o ensino da dança na escola é importante pois se configura como uma prática de atividade física trazendo benefícios (19,42%), possibilita consciência e expressão corporal e mental (17,48%), é uma forma de conhecimento/cultura (14,08%) e ajuda na perda da vergonha, preconceito e timidez (12,46%). Esta frequência se repete no sexo feminino, mas é diferente no sexo masculino. Os estudantes do sexo masculino não consideram com a dança como uma possibilidade de consciência e expressão corporal e mental, cerca de 13,73% também não especificou o por que ela é importante e outros 13,73% dizem que ela não tem importância.

As respostas dos estudantes dialogam com estudos já publicados na área que classificam a dança, como uma atividade física que possui como benefícios a melhoria da qualidade de vida (SILVA; VALENTE; BORRAGINE, 2012); seu ensino estrutura e expande a consciência corporal e a metáfora corporal revelando, através da expressão/comunicação, a personalidade

do indivíduo (NANNI, 2005); a dança expressa a cultura de uma sociedade específica (BOURCIER, 1987 apud MEDINA *et al.*, 2008) e ajuda ainda no rompimento de padrões de comportamentos, preconceitos hierárquicos, posturas físicas e psicológicas rígidas e na quebra do preconceito de que as pessoas não possuem a capacidade de entrosamento (CAMELLO apud TONELI, 2007).

Ao não considerar a dança como uma forma de se expressar corporalmente e/ou mentalmente, ao contrário do sexo feminino, o sexo masculino mostra, mais uma vez, que o mesmo não se sente – na sua maioria – “representado” por tal prática, não consegue encontrar a sua identidade masculina nela. Porém, outros conteúdos da Cultura Corporal de Movimento parecem ser mais “maleáveis” para ele quando pensamos o gênero. Segundo De León (2011, p.52), “[...]no Brasil, a formação da masculinidade passa pela construção de uma identidade marcada na infância e na adolescência pela atuação do jovem nos jogos de futebol. A associação entre macheza e jogar futebol é praxe na formação do jovem viril brasileiro [...]”

Em outra pergunta sobre já terem ou não dançando anteriormente na escola, 174 estudantes (87%) afirmaram já terem dançado na escola e 26 estudantes (13%) nunca dançaram na escola. Quando analisamos pelos sexos vemos que cerca de 91 estudantes do sexo feminino (89,22%), 82 estudantes do sexo masculino (85,54%) e 1 estudante do sexo intersexo (100%) já dançaram na escola. Os que nunca dançaram na escola correspondem a 11 estudantes do sexo feminino (10,78%) e 15 estudantes do sexo masculino (15,56%).

Delimitando o espaço da escola onde a dança aconteceu para as aulas de EF, foi possível perceber que apenas 81 estudantes (40,5%) já dançaram em aulas de Educação Física, mas 116 estudantes (58%) nunca dançaram e 3 estudantes (1,5%) não responderam. Ou seja, mais da metade dos alunos nunca dançaram em aulas de EF e quando dançaram foram em outros momentos.

A literatura nos mostra que a dança raramente está presente no ambiente escolar por diversos motivos, tanto estruturais quanto acadêmicos (BRASILEIRO, 2002). Dentre os motivos descrito por alguns autores, nota-se a falta de especialista na área e/ou despreparo do professor (STRAZZACAPPA, 2001), a pouca ou nenhuma experiência/vivência do professor com a dança na escola (GASPARI, 2005), uma formação insuficiente na graduação de Educação Física (SOUZA, 2003) e até mesmo, segundo Peres *et al.* (2001), conforme citado por Guimarães e Bianchini (2020), pela crença de alguns docentes de que para ensinar a dança é preciso executar com perfeição o movimento, o que faz com que acabem esquecendo da relevância da criatividade nesse processo. Percebeu-se, neste estudo, que muitos estudantes

chegam ao Ensino Médio com pouco ou nenhum contato com a dança enquanto conteúdo das aulas de Educação Física.

2.3 A dança fora da escola

Foi preciso pensar também a dança fora do âmbito escolar, em seus ambientes externos. Quando perguntados sobre a dança realizada dentro de casa, o estudante do sexo intersexo respondeu já ter dançado em casa, juntamente com 91,18% das estudantes do sexo feminino e 70,10% dos estudantes do sexo masculino. Resultado este que evidencia, mais uma vez, que a prática da dança, agora em ambiente familiar, também é menor no sexo masculino, sendo representado pela maior porcentagem dos estudantes que nunca dançaram em casa, 28,87%.

Os estudantes que já dançaram em casa responderam também sobre a presença de um acompanhante ou não durante a sua prática de dança em ambiente doméstico. As respostas dos alunos foram agrupadas e estão representadas na TAB. 6.

Tabela 6 - Com quem os estudantes já dançaram em casa

Situação	Resultado Geral (%)	Resultado Feminino(%)	Resultado Masculino(%)	Resultado Intersexo(%)
Sozinho	73,00	85,29	59,79	100
Festa de família	54,00	64,71	42,27	100
Com minha mãe	37,50	42,16	31,96	100
Com irmãos	31,50	48,04	13,40	100
Com meu pai	25,00	32,35	16,49	100
Nunca dancei em casa	13,50	2,94	24,74	0
Com amigos	4,00	5,88	2,06	0
Com primos	1,50	0,98	2,06	0
Com namorada	0,50	0	1,03	0
Com tios	0,50	0	1,03	0
Durante o banho	0,50	0	1,03	0

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Observa-se que a prática da dança mais registrada ocorreu quando eles estavam sozinhos (73%), seguido das festas de família (54%), da dança com a mãe (37,50%) e da dança com os irmãos (31,50%).

Esta frequência se repete quando analisada as respostas do sexo feminino, mas sofre uma alteração quando analisamos as respostas do sexo masculino. Pois a dança com irmãos (13,40%) não é tão frequente como é representada no sexo feminino (48,04%), e já a

porcentagem de estudantes que nunca dançaram em casa ganha maior representação no sexo masculino (24,74%), evidenciando, mais uma vez, uma menor prática da dança pelo sexo masculino, agora no ambiente familiar.

Outro resultado que chama atenção nessa tabela é quando analisamos a dança dos estudantes com a mãe e com o pai. Percebe-se que a dança com a mãe (37,50%) acontece mais do que a dança com o pai (25,00%). Essa diferença é percebida tanto quanto analisada através do sexo feminino quanto através do sexo masculino, mas, agora fica evidenciado a problemática da dança e do gênero, quando não somente os filhos homens dançam menos do que as filhas mulheres, mas também os pais dançam menos com os filhos do que as mães. Podendo comparar ainda os momentos em que os pais dançam, possuindo uma prática maior com as filhas (32,35%) do que com os filhos (16,49%).

Podemos observar que a grande ausência da presença masculina na dança não é um acontecimento oriundo da geração destes alunos, mas também de seus pais e, possivelmente, dos seus avós, bisavós... O que nos revela uma cultura heteronormativa enraizada em nossa sociedade.

Pensando a discussão de gênero na família podemos nos amparar nas contribuições de León (1995, p. 180), “[...] as hierarquias de gênero são criadas, reproduzidas e mantidas dia a dia através da interação dos membros do lar. Na família é onde a divisão sexual do trabalho, a regulação da sexualidade e reprodução dos gêneros se encontram enraizadas.” Nesse sentido, compreendemos que os indivíduos tendem a reproduzir na escola e em outros ambientes as suas experiências e vivências familiares, entendendo-se que, aqui, essa reprodução é observada quando os pais não dançam e os filhos homens não dançam em sua maioria. O estudante do sexo intersexo afirmou já ter dançado sozinho, com a mãe, pai, irmãos e em festa de família.

2.4 As danças: desconhecida, de todos, feminina e masculina

A maioria dos estudantes (98,50%) considera a dança uma prática de todos. Mas quando os ritmos musicais entraram em cena, a pista de dança pareceu possuir, para os sexos feminino e masculino, setores distintos para a ‘dança feminina’, a ‘dança masculina’ e então a ‘dança de todos’. Nos próximos tópicos, na TAB. 7 e na TAB. 8, estarão representados os estilos de dança e as considerações dos estudantes que marcaram “F” ao entender a dança como feminina, “M”

ao entendê-la como masculina, “T” ao entendê-la como de todos e “X” ao não conhecer o estilo de dança mencionado. O “Ñ” foi utilizado quando o estudante não respondeu.

O estudante intersexo definiu todos os estilos de danças como dança para todos, por isso os próximos tópicos representarão apenas os resultados feminino e masculino.

2.4.1 A dança desconhecida

Alguns estilos de dança não foram caracterizados como nem de todos, nem masculino e nem feminino, sendo descritos como desconhecidos. Os estilos de dança que fizeram parte das alternativas e foram caracterizados como desconhecidos, por ambos os sexos, foram: o zouk (89,5%), o xaxado (66%), o stilleto (64%), o maracatu (63%), o carimbo (58%) e o bumba meu boi (45,5%).

Tabela 7 - A dança desconhecida

DANÇA	SEXO FEMININO (%)					SEXO MASCULINO (%)					RESULTADO GERAL (%)				
	F	M	T	X	Ñ	F	M	T	X	Ñ	F	M	T	X	Ñ
Bumba Meu Boi	0	3,9	50,9	44,1	0,9	2,0	3,0	46,3	47,4	1,0	1,0	3,5	49,0	45,5	1,0
Carimbó	2,9	1,9	45,1	49,0	0,9	2,0	3,0	26,8	68,0	0	2,5	2,5	36,5	58,0	0,5
Maracatu	0	0	40,2	58,8	0,9	1,0	0	29,9	68,0	1,0	0,50	0	35,5	63,0	1,0
Stilleto	0,9	0	38,2	59,8	0,9	2,0	0	27,8	69,0	1,0	1,5	0	33,5	64,0	1,0
Xaxado	0	0	37,2	61,7	0,9	0	0	27,8	71,1	1,0	0	0	33,0	66,0	1,0
Zouk	0	0	25,4	73,5	0,9	1,0	0	21,6	76,2	1,0	0,5	0	24,0	89,5	1,0

F – Feminino; M – Masculino; T – Todos; X – Não conhece; Ñ – Não respondeu.

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Quando analisado separadamente por sexos percebeu-se também que o sexo masculino desconhece mais estes estilos de danças que o sexo feminino, o que significa que as estudantes do sexo feminino possuem maior conhecimento cultural acerca da dança do que os estudantes do sexo masculino.

Interessante pensar que tanto o xaxado, o maracatu, o carimbó e o bumba meu boi se configuram como danças folclóricas, parte da rica cultura do folclore brasileiro, mas embora o

folclore seja um tema trabalhado na escola desde os primeiros anos do Ensino Infantil os estudantes, em sua maioria, parecem desconhecer muitas das danças folclóricas.

Segundo Ehrenberg e Gallardo (2005, p.124) “o que encontramos no interior das escolas, quando não são movimentos mecânicos reproduzidos pelos alunos em função de uma data comemorativa, são as danças ditas folclóricas ou populares de diferentes regiões do país”. Porém, as respostas anteriores dos alunos mostraram que nenhum dos dois principais modelos de ensino da dança escolar (movimentos mecânicos ou as danças ditas folclóricas ou populares) vem sendo utilizado pelos professores, o que nos leva a pensar que, muitas vezes, nenhum modelo de dança vem sendo utilizado por não ser a dança um conteúdo realmente trabalhado.

2.4.2 A dança de todos, a dança feminina e a dança masculina

Diversos estilos de dança foram caracterizados pelos estudantes, em sua maioria, como estilos de dança para todos os sexos. Os estilos musicais mais caracterizados pelos estudantes como uma “dança de todos” foram a quadrilha (97%), seguido pelo forró (96%), pelo country/sertanejo (94%) e pela valsa (94%).

Coincidência – ou não – todos estes estilos de dança, representam dança de pares, duplas e também chamados de casal. Por trás dessas danças há o entendimento simbólico do “movimento masculino” e do “movimento feminino”. O simbólico pode ser compreendido, por exemplo, na quadrilha, quando, geralmente, os meninos abaixam o chapéu para cumprimentar as meninas e elas balançam o vestido para cumprimentar os meninos; no forró e na valsa pela condução da dança ser atribuída ao homem. Aqui percebemos alguns estilos de dança em que não há tantos obstáculos entre os gêneros quando comparado aos outros.

Outros estilos de dança também foram considerados por mais de setenta por cento dos estudantes como dança de todos. O axé, o funk e o samba também foram definidos como dança de todos por 92,5% dos estudantes cada um. Seguidos pelo pagode (92%), tango (90%), hip-hop (88%), dança de rua (87,5%), jazz (87,5%), sapateado (86,5%), salsa (85%), capoeira (84,5%), frevo (84,5%), ballet (77%), danças africanas (77%), zumba (75,5%), lambada (73,5%) e ciranda (72,5%).

Tabela 8 - Os estilos de danças femininos, masculinos e de todos

DANÇA	SEXO FEMININO (%)					SEXO MASCULINO (%)					RESULTADO GERAL (%)				
	F	M	T	X	Ñ	F	M	T	X	Ñ	F	M	T	X	Ñ
Axé	0	1,9	96,0	0,9	0,9	4,1	1,0	88,6	5,1	1,0	4,0	1,5	92,5	6,0	3,0
Ballet	6,86	0	89,2	2,94	0,9	22,6	1,0	63,9	11,3	1,0	14,5	0,5	77,0	7,0	1,0
Bolero	0	0	67,6	30,3	1,9	2,0	3,0	45,3	48,4	1,0	1,0	1,5	57,0	39,0	1,5
Capoeira	0	7,8	90,2	0,9	0,9	0	17,5	78,3	4,1	0	0	12,5	84,5	2,5	0,5
Ciranda	1,9	0	80,3	16,6	0,9	11,3	1,0	63,9	22,6	1,0	6,5	0,5	72,5	19,5	1,0
Country/Sertanejo	0,9	0,9	95,1	1,9	0,9	1,0	2,0	92,7	3,0	1,0	2,0	1,5	94,0	2,5	2,0
Dança de rua/Street	0	3,9	93,1	1,9	0,9	1,0	11,3	81,4	6,1	0	0,5	7,5	87,5	4,0	0,5
Dança do ventre	38,2	0	58,8	0,9	1,9	59,7	0	36,0	3,0	1,0	48,5	0	47,5	2,0	1,5
Danças africanas	0,9	0,9	87,2	8,8	1,9	9,2	2,0	65,9	21,6	1,0	5,0	1,5	77,0	15,0	1,5
Forró	0	0	98,0	0,9	0,9	0	1,0	93,8	4,1	1,0	0	0,5	96,0	2,5	1,0
Frevo	0	0	95,1	3,9	0,9	4,1	0	73,2	20,6	2,0	2,0	0	84,5	12,0	1,5
Funk	0	0	96,0	2,9	0,9	7,2	0	88,6	5,1	0	3,5	0	92,5	3,5	0,5
Hip-Hop	0	4,9	93,1	0,9	0,9	0	13,4	82,4	4,1	0	0	9,0	88,0	2,5	0,5
Jazz	0	1,9	89,2	7,8	0,9	4,1	4,1	79,3	10,3	2,0	2,0	3,0	87,5	9,0	1,5
Lambada	0	0	78,4	20,5	0,9	5,1	0	68,0	25,7	1,0	2,50	0	73,5	23,0	1,0
Quadrilha	0	0	98,0	1,9	0	0	1,0	95,8	2,0	1,0	0	0,5	97,0	2,0	0,5
Rock	0	4,9	88,2	4,9	0,9	0	9,2	86,6	4,1	0	0	7,0	87,5	5,0	0,5
Salsa	0,9	0	92,1	5,8	0,9	5,1	0	77,3	16,4	1,0	3,0	0	85,0	11,0	1,0
Pagode	1,9	0	95,1	1,9	0,9	3,0	4,1	88,6	3,0	1,0	2,5	2,0	92,0	2,5	1,0
Pole Dance	25,4	0	70,5	2,9	0,9	54,6	0	34,0	10,3	1,0	39,5	0	53,0	2,0	0,5
Samba	1,9	0	95,1	1,9	0,9	6,1	1,0	89,6	2,0	1,0	4,0	0,5	92,5	2,0	1,0
Sapateado	0	2,9	93,1	2,9	0,9	4,1	6,1	79,3	10,3	0	2,0	4,5	86,5	6,5	0,5
Tango	0	0	96,0	2,9	0,9	4,1	1,0	83,5	10,3	1,0	2,0	0,5	90,0	6,5	1,0
Valsa	0	0	97,0	1,9	0,9	4,1	0	90,7	5,1	1,0	2,0	0	94,0	3,5	1,0
Zumba	2,9	0	94,1	2,9	0	19,5	0	55,6	23,7	1,0	11,0	0	75,5	13,0	0,5
Outro: Gospel	0	0	0,9	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,5	0	0
Outro: K-POP	0	0	0	0	0	0	0	1,0	0	0	0	0	0,5	0	0

F – Feminino; M – Masculino; T – Todos; X – Não conhece; Ñ – Não respondeu.

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Esses dados poderiam indicar que não existe preconceito ou danças generificadas, entretanto, olhando mais atentamente para o conjunto dos dados, percebemos que não é bem assim.

Embora tanto a capoeira, quanto o hip-hop, a dança de rua e o rock tenham sido descritos pela maioria como dança de todos, observou-se nas respostas dos estudantes uma porcentagem dos estudantes do sexo masculino e feminino que definiram esses estilos de dança como masculinos. A capoeira foi a mais considerada (17,53%), seguida do hip-hop (13,4%), da dança de rua (11,34%) e do rock (9,28%).

Já nas respostas das estudantes do sexo feminino observou-se uma menor frequência de utilização da alternativa “masculina”, mas dentre os estilos de dança mais generificados por elas estão também a capoeira (7,84%), o hip-hop (4,9%) e o rock (4,9%).

Chama a atenção que nenhum estudante do sexo masculino e nem do sexo feminino considerou a capoeira, o hip hop e o rock como danças exclusivas do sexo feminino. Apenas a dança de rua foi lembrada por 1,0% dos estudantes do sexo masculino como uma prática exclusiva do sexo feminino.

Estes estilos por mais que carreguem características próprias e individuais não são associados diretamente com leveza e/ou sensibilidade. Ainda que haja a demonstração de leveza no gingado da capoeira ou em alguns golpes deferidos ou no passo de costas da dança de rua – o famoso “*Moonwalk*” do Michael Jackson –, a sensibilidade expressada nesses estilos remetem, no imaginário social, a força, a agilidade, a bruteza.

Por mais que atualmente, no Brasil, haja uma grande presença da mulher na capoeira comparado as primeiras décadas do século XX, a capoeira – quanto dança, luta e/ou jogo – parece ainda ser uma prática masculinizada. Segundo Oliveira (2009, p.117), “trata-se de uma prática diretamente associada ao homem por comportar elementos constitutivos da masculinidade, a exemplo do biótipo e das ações de violência física.”

Outro estilo historicamente rotulado como masculino e que também sofreu essa generificação neste estudo foi o Hip Hop. Matias-Rodrigues; De Araújo-Menezes (2014) recorrem aos papéis atribuídos ao homem e a mulher ao longo da história, isto é, ao homem o espaço da rua e à mulher os cuidados com a casa, para justificar a adesão de uma imagem masculina a esse estilo. “[...]uma vez que, por ser um movimento caracterizado como da rua, causa estranhamento a participação das mulheres, já que a elas foi historicamente destinado o espaço privado do lar.” (MATIAS-RODRIGUES; DE ARAÚJO-MENEZES, 2014, p.713)

Nota-se, até aqui, a permanência e a reprodução de preconceitos construídos culturalmente. Mesmo que, neste estudo, o foco seja o homem enquanto ser que enfrenta obstáculos para dançar (independente do estilo de dança e música), percebe-se que a mulher também encontra obstáculos oriundos do gênero para a prática de alguns estilos de dança “masculinizados”.

Percebeu-se uma discreta generificação de alguns estilos de dança ditos masculinos e também de alguns estilos de danças caracterizadas pelos alunos como femininas.

Correspondendo à hipótese levantada os dois estilos de danças mais definidos como femininos foram a dança do ventre e o pole dance. Nas respostas do sexo masculino a generificação foi mais alta, em que 59,7% definiram a dança do ventre como feminina e outros 54,6% definiram o pole dance como feminina. Já nas respostas do sexo feminino a generificação também esteve presente e foram definidos por 38,2% a dança do ventre como uma dança feminina e 25,4% o pole dance como dança feminina. Em ambos os casos, os dois estilos não foram atribuídos ao sexo masculino.

A dança do ventre reflete em seu discurso imagético-cinético significações de gênero que constituem diferentes modos de ser mulher nas sociedades e momentos históricos analisados. Estas significações muitas vezes se ancoram no corpo e na sexualidade da mulher[...] (REIS, 2008, p.65).

O mesmo acontece com o pole dance, segundo Gonçalves (2020), pelo motivo do estilo de dança ser associado ao erotismo e por ser o erótico historicamente malvisto na sociedade ocidental. Sem considerarmos que historicamente, a exploração da sexualidade na sociedade esteve mais associada à figura da mulher do que à figura do homem.

Ambos estilos citados são explicitamente caracterizados na sociedade como estilos de dança ‘de’ e ‘para’ mulheres, muitas vezes são desconsiderados enquanto dança e relacionados apenas a sensualidade, promiscuidade e sedução.

Embora a maioria dos estudantes tenham caracterizado anteriormente o ballet, a zumba e a ciranda como danças de todos, foi possível perceber nas respostas de ambos os sexos uma generificação destes estilos.

O ballet foi o terceiro estilo musical mais caracterizado como uma dança feminina por 22,68% dos estudantes do sexo masculino e 6,86% dos estudantes do sexo feminino. Outra parcela dos estudantes do sexo masculino definiu ainda outros dois estilos como femininos, 19,5% acredita que a zumba é para o sexo feminino e outros 11,3% acredita que a ciranda é para o sexo feminino.

Para além dos estilos musicais foi possível perceber através das respostas uma maior generificação dos estilos de dança por parte dos homens do que das mulheres.

Nota-se que os estilos associados à prática feminina são aqueles que demonstram leveza, sensibilidade etc. Historicamente essa associação ocorre a partir da diferenciação das práticas corporais entre meninas e meninos. Segundo Santos (2010, p. 849) “[...]tal distinção era justificada pelas características padronizadas por regras sexuais e sociais, assegurando sentidos

de feminilidade e de masculinidade, como graça, leveza, delicadeza, força e violência”. Encontramos estas distinções não apenas dentro dos conteúdos da Cultura Corporal de Movimento ou da escola, mas na sociedade como um todo.

2.5 A figura masculina na dança

Como visto, os estudantes do sexo masculino, até aqui, procuraram se manter em segundo plano, não assumindo papéis principais quando o assunto é a dança. A prática em si, muitas vezes, acaba não sendo a principal preocupação do homem. O que ele costuma temer são os comentários dos amigos, ou, às vezes, de sua própria família.

Quando perguntados sobre ser normal um homem dançar, 95,5% dos estudantes responderam considerarem normal um homem dançar, mas nas aulas observadas em campo essa normalidade pareceu muitas vezes ser invisível. Qualquer simples movimento executado por um homem era alvo de risadas e comentários entre a turma, em algumas ocasiões até mesmo pelo professor.

As risadas começavam desde quando a professora pedia que algum menino se levantasse para ser exemplo de alguma explicação do conteúdo e até mesmo quando ela solicitava que o aluno andasse pela sala em um ritmo determinado. O simples andar do menino era interpretado como engraçado, coisa que com as meninas não acontecia. Ao pedir para realizar ou criar um movimento a situação se tornava mais nítida, tendo situações em que os meninos colocavam o capuz do moletom tampando parte do rosto por timidez (caderno de campo, 17/07/2019).

Neste tópico a figura masculina na dança será a performance principal de nossa discussão. Iniciaremos a partir do fator extrínseco muito presente na escola: a “zoação” ou também chamada de “brincadeiras”.

2.5.1 Não é “zoação”, é brincadeira!

Em diversos momentos, tanto nos questionários quanto nas falas durante as aulas observadas e nas entrevistas, os estudantes se defendiam de seus comentários e risadas sobre os outros estudantes afirmando que “Não é ‘zoação’, é brincadeira!”. Pelo comportamento da

turma, pareceu-se um consenso uniforme, uma espécie de acordo tácito. Interessante pensar que mesmo em tom de brincadeira, esta era feita quase sempre com os homens enquanto se movimentavam – durante a dança ou fora dela.

Em uma aula um aluno foi chamado para dançar forró com a professora e a turma pareceu-se divertir muito com a situação. Foi possível escutar comentários do tipo “*Nossa, velho, ele vai ser zoadado pro resto da vida.*” Na mesma aula, houve um outro aluno que não quis dançar com ninguém, e ficou afastado em um canto da sala realizando alguns passos tímido – dois passos para a direita, dois passos para a esquerda –, ao ser visto seus colegas começaram a comentar sobre e ele rapidamente sentou-se no chão. Ao perceberem o que tinham feito alguns se defenderam: “Fica de boa, viu!? A gente só está brincando”².

Gluckman (2010) considera a zoação como uma forma de interação presente na escola. Entendendo-se a zoação como uma forma de interação deve-se pensar então no limite para tal, quando ela deixa de ser uma simples brincadeira para a vítima e se torna uma possível agressão psicológica. Agora pensaremos esta brincadeira ou “zoação” na dança.

Quando perguntados se já foram “zoados” por dançar 81 estudantes (40,5%) responderam que já foram zoados, 115 estudantes (57,50%) nunca foram zoados e 4 estudantes (2%) não responderam.

Quando analisadas as respostas por sexos, independente da orientação sexual manifestada pelos alunos, percebemos que o estudante do sexo intersexo nunca foi zoadado, 38 estudantes do sexo masculino (37,89%) já foram zoados e 43 estudantes do sexo feminino (42,16%) também.

Diferente das respostas dos questionários, durante a observação das aulas o sexo feminino não foi o mais “zoadado”, e sim o masculino. Embora uma situação grave de bullying com três estudantes do sexo feminino tenha acontecido através da internet no período de coleta de dados, durante a prática da dança nas aulas observou-se frequentemente momentos de “zoação” e/ou “brincadeiras” com estudantes do sexo masculino por dançarem. O bullying contra as estudantes aconteceu a partir de assédio e ataque sobre a aparência e corpo das estudantes. Já a frequente zoação/brincadeira dos meninos se referia mais a reafirmação de suas masculinidades (tanto individual quanto coletiva) e pareceu nunca os incomodar de fato, entendendo sempre o que acontecia como brincadeiras entre amigos.

Quando perguntados anteriormente a estas situações 61 estudantes (30,50%) afirmaram já terem zoadado um menino por ele por dançar, 136 estudantes (68,00%) nunca zoaram e 3

² Observações extraídas do diário de campo, 29/07/2019.

estudantes não responderam (1,50%). Quando analisado por sexo percebemos que os estudantes do sexo masculino são os que mais zoam, cerca de 43,3%, e já a porcentagem de estudantes do sexo feminino que afirmou já ter zoadado um menino por dançar foi de 18,63%.

A partir do gênero e orientação sexual afirmados pelos estudantes identificou-se também que os homens bissexuais (50%), os homens heterossexuais (46,51%) e as mulheres homossexuais (37,50%) são os que mais já zoaram um menino por ele ter dançado.

Percebemos que “zoação” contra o homem que dança ainda é uma prática muito frequente na sociedade quando 176 estudantes (88%) responderam já ter presenciado algum homem ser “zoadado” simplesmente por dançar. Deste estão 89 estudantes do sexo feminino (87,25%) e 76 estudantes do sexo masculino (78,35%). Não é difícil de relacionar a menor percepção de “zoação” por parte do sexo masculino quando, pela análise das respostas anteriores, verifica-se que o mesmo representa o grupo deste estudo que mais “zoa” um homem por dançar. Embora cometa a “zoação” acaba não conseguindo percebê-la como uma “zoação”, apenas como uma “brincadeira entre amigos”. Parece existir uma linha tênue entre brincadeiras e violência simbólica (ou sua legitimação), mas ambas parecem ser parte das características da formação de uma identidade masculina heterossexual.

Em outra pergunta, quando perguntados se já haviam escutado, alguma vez, alguém dizer que dança não é “coisa de homem”, 146 estudantes (73%) afirmaram positivo. O estudante do sexo intersexo afirmou ter escutado juntamente com 87 estudantes do sexo feminino (85,29%) e 57 estudantes do sexo masculino (58,76%). Ao considerar as orientações sexuais percebeu-se que dentro do grupo das estudantes do sexo feminino, as bissexuais e as heterossexuais foram as que mais já escutaram, representado por 88,89% das mulheres bissexuais e 86,30% das mulheres heterossexuais que já escutaram esta colocação.

Considerando as orientações sexuais declaradas pelos estudantes do sexo masculino percebeu-se que os indivíduos com orientação sexual bissexual e homossexual foram os que mais já escutaram. Representados, aqui, por 100% dos estudantes bissexuais e 66,67% dos estudantes homossexuais que já escutaram esta colocação.

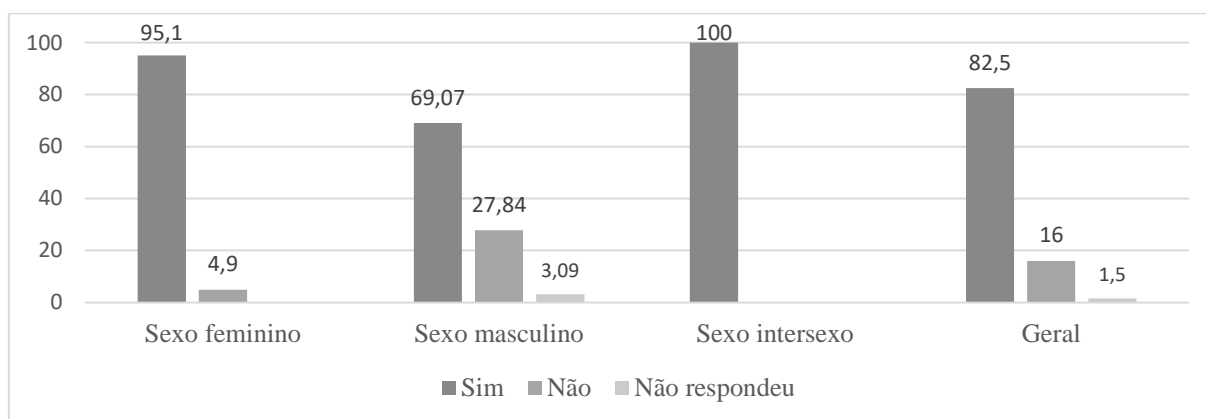
Estes dados reforçam uma pressão heteronormativa que não atinge somente a comunidade LGBTQIA+, mas também a própria comunidade heterossexual – que, tradicionalmente, é a que mais reforça padrões heteronormativos.

Para Sales e Paraíso (2013) a heteronormatividade se refere a única forma possível de exercer a sexualidade. Como se existisse na sociedade apenas um modo de ser mulher, apenas um modo de ser homem e ignorando e excluindo qualquer outra possibilidade de ser diferente ou não pertencer ao binarismo de gênero.

Esta pressão heteronormativa presente na dança não pressiona, julga, inibe e afasta apenas os homens da comunidade LGBTQIA+, mas também aos homens heterossexuais (e as mulheres homossexuais) que não se permitem dançar e quando se permitem acabam sendo julgados pelo próprio preconceito praticado.

Quando perguntados sobre acharem que existe ou não preconceito contra o homem que dança hoje na sociedade 82,5% dos estudantes consideram que existe, 16% que não existe e 1,5% não respondeu. Para 95,50% dos estudantes é “normal” um homem dançar. Os resultados estão representados no GRAF. 4.

Gráfico 4 - Existência de preconceito em relação ao homem que dança



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Embora seja o “alvo” principal de ataques preconceituosos sobre a sua prática da dança, o sexo masculino foi que menos considerou a existência deste preconceito (69,07%), registrando o grupo que mais considerou não haver preconceito contra o homem que dança (27,84%).

Para Andreoli (2010b, p. 120) “o preconceito contra o homem na dança pode ser visto, na verdade, muito mais como um preconceito contra a homossexualidade, bem como tudo aquilo que a ela associe simbolicamente”. Como observado, muitos estudantes entendem a dança como uma forma de expressão, então, ao negar a dança para homem nega-se também a possibilidade de uma forma de expressão. Para além da dança propriamente dita, podemos pensar em outras formas de expressão que não são relacionadas culturalmente ao homem-másculo-alfa como: chorar, sentir dor, demonstrar afeto em público etc.

A reflexão de Stinson (1998), contribui para esclarecer esse complexo jogo social. Segundo a autora (1998, p.58), “o ‘problema dos meninos e dança’ também está atrelado a uma homofobia desenfreada e ao status inferior da mulher em nossa sociedade. Medo da

homossexualidade – a própria ou a dos outros – realmente pode afastar potenciais estudantes de dança do sexo masculino”.

A esse respeito, 37 estudantes (18,50%) afirmaram que acreditam que seriam questionados pelos seus amigos a respeito de sua orientação sexual ao dançarem. Desse total, apenas 5 se refere às estudantes do sexo feminino (4,90%) que acreditam que teriam a sua orientação sexual questionada pelos seus amigos ao dançarem. 32 estudantes (32,99%) do sexo masculino acreditam que terão sua orientação sexual questionada pelos seus amigos ao dançarem. A orientação sexual dentro do grupo do sexo masculino que mais acredita sobre esse questionamento por parte dos amigos foi o dos homens heterossexuais (100%), seguido pelos homens homossexuais (66,67%), e com orientação sexual desconhecida (50%).

Ao mudar o questionamento da orientação sexual dos estudantes para o grupo familiar percebeu-se uma maior preocupação comparado ao questionamento por parte dos amigos. 40 estudantes (20%) acreditam que teriam sua orientação sexual questionada por sua família ao dançarem.

Mais do que anteriormente, 12,75% das estudantes do sexo feminino acredita que teriam sua orientação sexual questionada pela sua família ao dançar. As orientações sexuais das mulheres que acreditam que seriam questionadas por suas famílias são: pansexual (33%), bissexual (22%) e heterossexual (10,96%)

Já no sexo masculino 27,84% dos estudantes acreditam que teriam a sua orientação sexual questionada pela sua família ao dançar. As orientações sexuais dos homens que acreditam que seriam questionados por suas famílias são: bissexual (100%), homossexual (66,67%) e heterossexual (25,58%).

Estes dados, novamente, reforçam a problemática do gênero e da dança e a pressão heteronormativa que, aqui, pareceram atingir mais os homens da comunidade LGBTQIA+, mas possui forças o suficiente para alcançar as pessoas independente do seu gênero, sexo e ou orientação sexual.

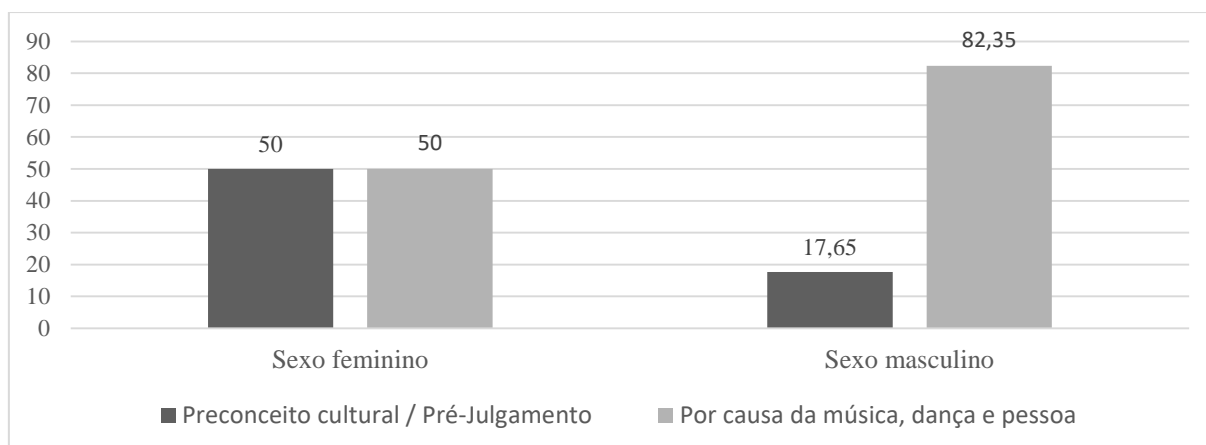
Ao deixar de lado o questionamento dos amigos e da família e considerar os próprios estudantes como seres que também possam questionar a sexualidade alheia, eles também responderam se questionariam ou não a orientação sexual de um homem se ele dançasse. Ao todo 12,5% dos estudantes questionariam.

O estudante heterossexual do sexo intersexo não questionaria a orientação sexual de um homem se ele dançasse.

No sexo feminino 7,84% das estudantes questionariam a orientação sexual de um homem se ele dançasse, elas representam 6 heterossexuais (8,22%), 1 bissexual (5,56%) e 1

pansexual (33,33%). No sexo masculino 17,53% dos estudantes questionariam a orientação sexual de um homem se ele dançasse. Destes estão 16 heterossexuais (18,60%) e 1 bissexual (50%). Os motivos que os fariam questionar também estão representados no GRAF. 5.

Gráfico 5 - Motivos que fariam o sexo feminino e o sexo masculino questionarem a orientação sexual de um homem se ele dançasse.



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Das 8 estudantes do sexo feminino que questionariam a orientação sexual de um homem se ele dançasse 4 estudantes (50%) disseram que questionariam dependendo da música, dança e da pessoa. Já outras 4 estudantes (50%) por causa do preconceito cultural / pré-julgamento.

Dos 17 estudantes do sexo masculino (17,53%) que questionariam a orientação sexual de um homem se ele dançasse, 3 estudantes (17,65%) questionariam por preconceito cultural / pré-julgamento e 14 estudantes (82,35%) questionariam por causa da música, dança e pessoa.

Estes motivos mostram que a discussão de gênero na dança é maior do que a prática em si, envolvendo, em uma relação direta, o preconceito cultural e o pré-julgamento acerca do homem que dança.

Assim, a segunda coisa que salta aos olhos de qualquer pessoa que se aproxime do campo da dança é a pressuposição, bastante arraigada em nossa cultura, de que existe um jeito 'masculino' e um jeito 'feminino' de dançar. E que o aprendizado das técnicas e dos gestos na dança, para homens e mulheres, deve obedecer a essa oposição binária. Lógica paradoxal, porque, ao mesmo tempo que afirma a existência do feminino e do masculino como energias "naturais" presentes nos corpos, isto é, como essências universais, investe ativamente na sua produção e até na sua regulação, como um ostensivo 'policiamento' das posturas, dos gestos e dos movimentos. (ANDREOLI, 2019, p.17).

Para esta cultura preconceituosa parece haver músicas e danças que o homem pode ou não dançar, movimentos que o homem pode ou não executar e, para além, parece haver um

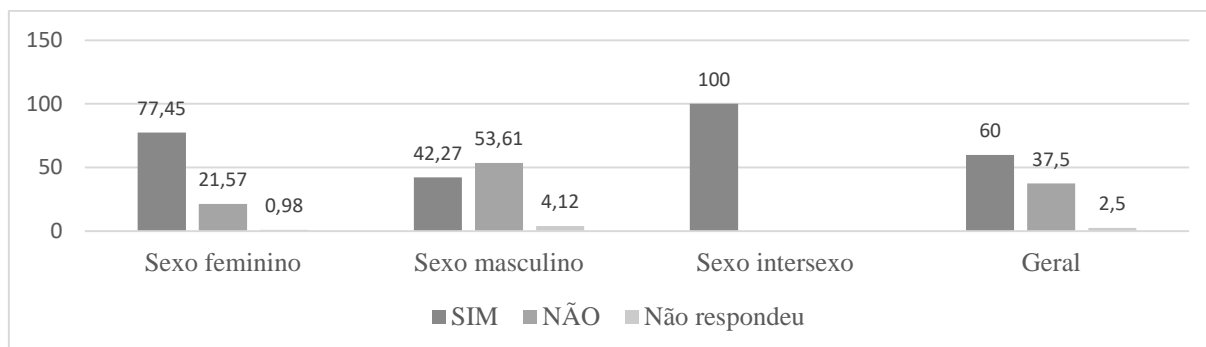
“tipo de homem” que pode dançar e um “tipo de homem” que não pode dançar. Principalmente para o sexo masculino que, neste estudo, disse, em maioria, que a dança é o movimento no ritmo.

Mas quando é permitido culturalmente ao homem dançar, é muitas vezes exigido que seja sob a condição de celebrar pelo menos alguns dos atributos de masculinidade hegemônica. Nesses casos, a cultura regula aquilo que, em certo sentido, transgride a norma maior, impondo outras normas, como, por exemplo, em que circunstâncias, modelos e contextos deve o homem dançar e, em última instância, como ele deve dançar. (ANDREOLI, 2010a, p.114)

Entendendo que o questionamento da orientação sexual de um homem pela dança pode ocorrer em outros grupos, de seu contato, fora da escola, como entre sua família e entre seus amigos, os estudantes também foram questionados sobre possuírem contato com este público.

Conforme mostra o GRAF. 6, ao todo, 60,0% dos estudantes afirmaram conhecer pessoas que fariam este tipo de questionamento a respeito da orientação sexual do homem que dança. O estudante do sexo intersexo afirmou conhecer.

Gráfico 6 - As pessoas que você conhece (família, amigos) questionariam a orientação sexual de um homem se ele dançasse?



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

O sexo feminino foi o que mais afirmou conhecer, cerca de 77,45%. Já o sexo masculino, apenas 42,27% afirmou conhecer alguém conhecido que questionaria a orientação sexual de um homem se ele dançasse.

A partir das respostas dos estudantes para esta questão, mostrou-se, mais uma vez, essa baixa percepção pelos estudantes do sexo masculino tanto a respeito da dança quanto a respeito do preconceito contra o homem que dança, antes mesmo do conteúdo ser trabalhado nas aulas de Educação Física.

3. CINCO, SEIS, SETE E OITO...

A vivência com o conteúdo dança nas aulas de EF resultou em um período do ano letivo atípico para os alunos que, desde o primeiro ano do Ensino Médio, sabiam que teriam contato com a dança no ano seguinte. Porém, a maioria dos estudantes carregava, quando presente, uma concepção muito rasa da dança atrelada ao medo de experimentar algo novo, principalmente os meninos.

Para além de ser apenas mais um dos conteúdos avaliativos da disciplina Educação Física, a dança trouxe para a sala de aula a possibilidade de discutir temas como racismo, machismo, homofobia, gênero, o respeito ao corpo alheio, bullying e outras manifestações preconceituosas.

Muitos meninos puderam entender que não é preciso se tornar um bailarino para poder dançar e muitas meninas descobriram que não há um corpo ideal para a dança, pelo contrário, que todo corpo deve ser respeitado.

Neste tópico serão apresentados e discutidos os resultados das entrevistas realizadas com 7 estudantes do sexo masculino e 3 estudantes do sexo feminino, de diferentes turmas, ao final do ano letivo após vivenciarem o conteúdo dança nas aulas de EF e terem organizado e participado do Festival de Dança do IF.

Respondendo novamente sobre a importância do ensino da dança para todos, desta vez após possuírem contato com o conteúdo nas aulas, percebeu-se uma mudança na frequência de respostas dos alunos.

Antes do início do conteúdo os estudantes responderam em sua maioria que 1) a dança era importante por ser uma prática de atividade física (19,42%), 2) que a dança proporcionava o desenvolvimento da consciência e expressão corporal e mental (17,48%) e 3) por ser uma forma de conhecimento e cultura. (14,08%).

Conforme representado na TAB. 8, após o contato com a dança inverteu-se estas importâncias: os estudantes responderam que o ensino da dança era importante pois 1) se configura como uma forma de expressão, 2) é um exercício físico tendo seus benefícios acerca da saúde e 3) por proporcionar a perda da vergonha e da timidez.

Tabela 9 - Importância do ensino da dança para todos após o contato com o conteúdo dança

Importância:	Resultado Geral	Resultado masculino	Resultado Feminino
Forma de expressão	28,57	22,22	40
Exercício físico e saúde	21,43	22,22	20
Perca da vergonha e timidez	14,29	11,11	20
Interação social	7,14	11,11	0
Conhecimento sobre o corpo	7,14	11,11	0
Uma forma de arte	7,14	11,11	0
Quebra de preconceito	7,14	11,11	0
Não vejo importância na dança	7,14	0	20
Total	14 importâncias = 100%	9 importâncias = 100%	5 importâncias = 100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Percebeu-se que após o contato com a dança inverteu-se a prioridade da sua importância, e desta vez, a forma de expressão foi a importância mais citada pelos estudantes. Isto pode estar atrelado ao desenvolvimento das turmas com o conteúdo e também pela utilização da própria dança como forma de manifestação do feminismo no festival do IF, que se consagrou como o maior momento de expressão através da dança pelos estudantes. Em que após situações de machismo ocorridos em sala e em redes sociais dos estudantes elegeu-se como temática das danças e dos cartazes o empoderamento feminino – as meninas através das danças e os meninos através de cartazes conforme decisão conjunta da sala e professora.

De acordo com Saraiva (2005), conforme citado por De Souza e Brasileiro (2019, p. 14), “ao expressar a dança, somos capazes de expressar, de modos singulares, o entendimento que temos do mundo que nos cerca, bem como capazes de expressar nossas emoções e sentimentos, sem dominarmos uma técnica específica”. Esta foi uma realidade observadas no contato com os estudantes, quando em certo momento a preocupação em dançar “corretamente” foi deixada de lado para que o foco fosse a mensagem a ser passada através da dança. Como em uma das últimas aulas antes do festival quando um grupo de meninas conversava entre si sobre a coreografia do grupo quando uma estudante afirmou

“Nossa, está ficando tão legal nossa dança, agora a gente só não pode passar vergonha na frente de todo mundo dançando uma diferente da outra” e outra estudante a respondeu “A professora não vai olhar se uma está certa ou outra está errada, acho que a nossa participação, as músicas e o nosso tema são mais marcantes, afinal na nossa sala só vai ter menina dançando [...]” (diário de campo, 10/10/2019).

Quando perguntados sobre como foi vivenciar o conteúdo danças nas aulas de EF os estudantes em sua maioria responderam que 1) havia sido divertido (20%) e 2) que não haviam

vivenciado realmente o conteúdo (20%). Percebeu-se através das respostas dos estudantes, aqui representadas na TAB. 9, que o sexo feminino considerou a dança mais divertida (33,33%) do que o sexo masculino (14,29%) – o que faz sentido considerando a timidez e vergonha percebidas tanto nas respostas dos questionários quanto nas observações do diário de campo. Outro resultado que chama atenção é que todos os estudantes que afirmaram não terem vivenciado realmente o conteúdo danças são do sexo masculino (28,57%).

Tabela 10 - A vivência com o conteúdo danças

Como foi?	Resultado Geral (%)	Resultado Masculino (%)	Resultado Feminino (%)
Divertido	20	14,29	33,33
Não vivenciei realmente o conteúdo	20	28,57	0
Tranquilo	10	0	33,33
Não gostei	10	0	33,33
Espetacular	10	14,29	0
Muito bom	10	14,29	0
Muito interessante	10	14,29	0
Incrível	10	14,29	0
Total	10 = 100%	7 = 100%	3 = 100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

3.1 A vivência com o conteúdo danças

“A gente teve mais a participação na programação no caso do que foi o teatro, da apresentação. Dançar mesmo não. Durante as aulas a gente teve ensaio. Mas meio que a gente ficava meio que de canto, os meninos. Não por culpa da professora, mas dos próprios meninos. Nós mesmos nos retirávamos. Tipo, nós não queríamos aparecer na frente da escola toda dançando.” (Estudante do sexo masculino 2)

De fato, os meninos e as meninas não vivenciaram o conteúdo danças de maneira semelhante. E quando tentavam, ainda assim criavam certo distanciamento, seja através das “panelinhas”, da separação dos meninos e das meninas e da criação dos padrões de movimentos femininos e masculinos. Embora a vergonha de dançar fosse observada tanto em meninas quanto em meninos, os meninos apresentavam maior resistência com o conteúdo.

Segundo Rosário e Darido (2005) apud Guimarães e Bianchini (2020, p. 56), “no que se refere aos alunos, ainda se encontra a resistência ao novo e ao diferente por parte destes, pois

eles costumam aceitar apenas os esportes coletivos, tendo dificuldades iniciais com os demais conteúdos”.

Sobre a presença da vergonha ou algo semelhante durante o período de contato com a dança os estudantes em sua maioria afirmaram que sentiram vergonha o tempo todo (60%), tanto nas aulas quanto nas apresentações do festival. Já o segundo momento de maior vergonha aconteceu somente durante as apresentações do festival (20%), conforme TAB. 10.

Tabela 11 - Sentimento de vergonha ou algo semelhante durante as aulas

Respostas	Resultado Geral (%)	Resultado masculino (%)	Resultado Feminino (%)
Sim, o tempo todo	60	57,14	66,66
Sim, na apresentação no festival	20	14,29	33,33
Sim, durante as aulas	10	14,29	-
Não senti vergonha	10	14,29	-
Total	10 = 100%	7 = 100%	3 = 100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Conforme representado na TAB. 11, a maioria dos estudantes (40%) afirmaram que a sua concepção de dança se modificou durante e/ou após o contato com o conteúdo nas aulas de Educação Física.

Tabela 12 - Mudança (ou não) da concepção de dança dos estudantes

Respostas	Resultado Geral (%)	Sexo masculino (%)	Sexo Feminino (%)
Sim	40	42,86	33,33
Não	40	28,57	66,66
Eu não possuía uma concepção de dança, com a vivência passei a ter	20	28,57	-
Total	10 = 100%	7 = 100%	3 = 100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Neste resultado dois pontos podem ser destacados: 1) o sexo masculino é o que mais sofreu mudança da concepção do que era dança (42,86%) do que o sexo feminino e 2) que o sexo masculino foi o único a responder que não possuía uma concepção de dança criada e que apenas com a vivência passou a ter (28,57%).

Estes dados evidenciam, mais uma vez, a existência de uma distância entre o homem e a dança, fruto da divisão das funções sociais do homem e da mulher. A figura feminina parece receber estímulos para a prática da dança desde a infância que constroem para ela uma concepção do conteúdo, enquanto a figura masculina parece receber estímulos apenas para as

práticas do esporte, o que torna a dança para o homem superficial demais para o mesmo construir e carregar uma concepção do conteúdo.

Algo destacado na maioria das turmas que marcou os estudantes durante o período de contato com a dança foi a união da turma promovida pela dança (40%), seguido pelo problema ocorrido em uma turma que envolveu machismo, racismo, assédio e agressão aos corpos femininos (20%), a apresentação no festival da escola (20%), a perda da vergonha (10%) e para outros 10% não ocorreu nada marcante, conforme TAB.12.

Tabela 13 - Coisas que marcaram os estudantes durante o período de contato com a dança

Respostas	Resultado Geral (%)	Resultado masculino (%)	Resultado Feminino (%)
A união da turma promovida pela dança	40	42,86	33,33
O “problema de uma turma”: Machismo, racismo, assédio e agressão aos corpos femininos.	20	14,29	33,33
A apresentação no festival	20	28,57	0
Não aconteceu algo marcante	10	0	33,33
Perca da vergonha	10	14,29	0
Total	10 = 100%	7 = 100%	3 = 100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

“Eu acho que o jeito como a sala se uniu. Foi incrível ver as panelinhas se desfazendo para poder fazer uma coisa maior. E foi incrível toda a experiência, nossa foi perfeito. Não tenho nada a reclamar.” (Estudante do sexo masculino 3)

“Eu acho que o que mais marcou foi a apresentação e tipo toda vez que a gente ia fazer apresentação a gente recebia aquela quantidade de aplausos e você ficava meio que gratificante por saber, tipo, você se esforçou, treinou, decorou todos os passos, tentou fazer o mais certo possível e no final as pessoas reconheceram o seu trabalho e o seu esforço.” (Estudante do sexo masculino 6)

“Aconteceu uma coisa pessoal, que teve com a gente na sala. Então, aconteceu uma coisa chata lá na turma onde os meninos fizeram brincadeira sem graça comigo especificamente, então eu fiquei um pouquinho recuada com isso né, de dançar em frente eles, dançar em frente aos meninos. Machismo, racismo, assédio contra eu, duas amigas minhas e mais três meninas da sala.” (Estudante do sexo feminino 1)

“Eu acho que essa união da sala. Por que, real eu acho, depois que a gente teve a apresentação, teve as aulas de dança tudo ficou mais “junto”. Sabe, a sala inteira. Eu acho que a gente sentiu mais liberdade

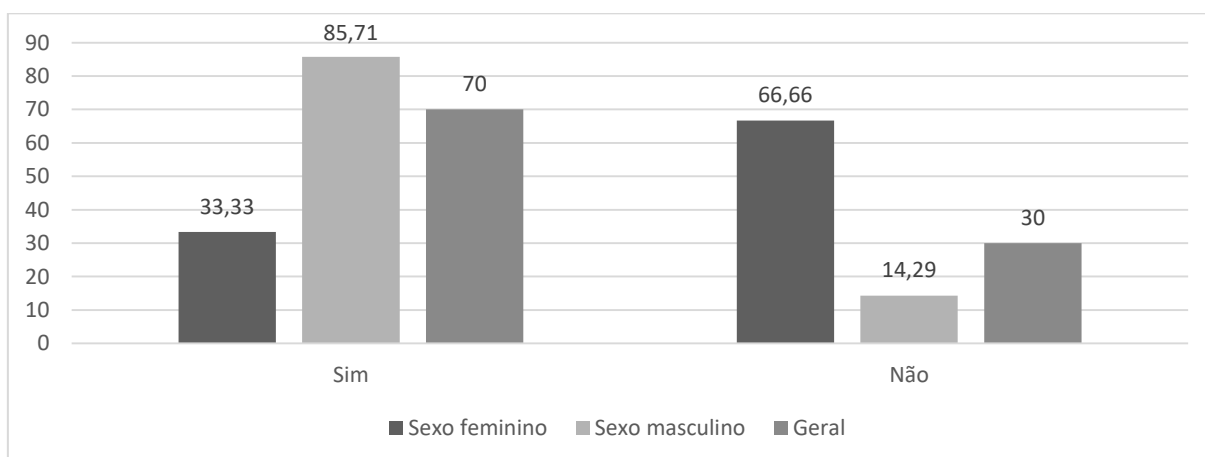
na frente do outro, se conectou mais também.” (Estudante do sexo feminino 3).

A união das turmas, o acontecimento mais marcante para a maioria dos estudantes durante o período de vivência com o conteúdo danças, também foi percebido nas observações registradas em diário de campo. Em algumas turmas mais, em outras menos. Porém, mesmo que a integração da turma como um todo não ocorresse completamente, observava-se, no mínimo, que em alguns momentos a união ocorria entre as meninas e/ou entre os meninos.

Afirmando mais uma vez a diferença de postura, comportamento e/ou participação entre meninos e meninas notadas nas aulas observadas em diário de campo, aqui, a maioria dos estudantes confirmaram a presença desta diferença (70%).

O sexo masculino foi o que mais percebeu esta diferença (85,71%) e o sexo feminino o que menos percebeu (33,33%). Os resultados estão representados no GRAF. 7.

Gráfico 7 - Diferença de postura, comportamento e/ou participação entre meninos e meninas



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

As diferenças percebidas entre os estudantes, mais especificamente entre os sexos, não ocorreram apenas em relação a postura, ao comportamento e/ou participação, mas também em outros aspectos, tais como os ritmos musicais preferidos, os movimentos realizados e não realizados.

Dentre a diversidade de ritmos musicais vivenciados durante as aulas de Educação Física, tanto a partir de sugestão dos estudantes e dos professores como forró, rock, pop internacional, eletrônico, axé, dentre outros, os preferidos dos estudantes estão representados na TAB. 13.

Tabela 14 - Ritmos musicais preferidos pelo sexo masculino e feminino

Ritmo musical	Resultado Geral (%)	Resultado Masculino (%)	Resultado Feminino (%)
Funk	30,77	20	66,66
Não teve um estilo preferido por não se expressar	23,08	30	33,33
Sertanejo	15,38	20	0
Rock	7,69	10	0
Hip Hop	7,69	10	0
Forró	7,69	10	0
Total	13 = 100%	10 = 100%	3 = 100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

O funk foi o ritmo musical eleito como o preferido pelos estudantes (30,77%) e o único ritmo musical descrito como favorito pelas estudantes do sexo feminino.

Já no sexo masculino percebeu-se uma maior descrição e variedade de ritmos musicais eleitos como favoritos dos meninos. Além do funk, estiveram presentes o rock (7,69%), o hip-hop (7,69%), o forró (7,69%) e o sertanejo (7,69%). Porém faz-se necessário refletirmos sobre os 23,08% dos estudantes que afirmaram que o sexo masculino não teve um estilo preferido por não se expressar. Algo que faz relação direta com as observações das aulas registradas em diário de campo sobre o comportamento masculino: se o menino não dança, logo não se expressa, como seus colegas de turma poderiam responder sobre o seu ritmo musical preferido?

“A gente não se manifestou muito não. Nenhum. Falava zuando, mas manifestar não.” (Estudante do sexo masculino 2)

“Eu não sei te falar viu? Pois como eles ficam recuados, não se expressavam.” (Estudante do sexo feminino 1)

3.3 Os movimentos corporais

Durante as aulas de dança, muitas vezes, o movimento corporal foi alvo de comentários, algumas vezes inocentes e em outras vezes com certa provocação em tom de brincadeira. Dentro da sala percebeu-se que muita da inibição da dança pelos estudantes não era diretamente pela prática, mas indiretamente por estarem sendo assistidos por outras pessoas.

Cerca de 90% dos estudantes afirmaram que notaram algum tipo receio por parte dos estudantes do sexo masculino de realizar algum movimento corporal e cerca de 40% afirmaram ter notado este receio por parte das estudantes do sexo feminino.

Conforme representado na TAB. 14 o rebolar foi descrito como o movimento que os meninos possuíam maior receio de executar (36,36%) e em segundo lugar os movimentos de quadril (27,27%), que é uma parte do corpo relacionada ao ato do rebolado.

Tabela 15 - Os movimentos que os meninos possuíam receio

Movimento	Resultado geral (%)	Resultado masculino (%)	Resultado feminino (%)
Rebolar	36,36	37,50	33,33
Quadril	27,27	25	33,33
Não há um movimento específico, mas medo de perder o ritmo	9,09	12,50	0
Não há um movimento específico, mas a própria execução do movimento	9,09	12,50	0
Cintura	9,09	12,50	0
Alguns	9,09	0	33,33
Total	11 = 100%	8 = 100%	3 = 100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Os movimentos de quadril e os movimentos da cintura descritos pelos estudantes aparentemente também fazem referência ao movimento do rebolado. Analisando por esta ótica, realizando o agrupamento das respostas dos estudantes o rebolar como movimento mais receoso do sexo masculino sairia da faixa dos 36,36% para 72,72%.

Santos e Seffner (2008) apud Kleinubing *et al.* (2013, p. 76) indicam que “corpo e gênero articulam-se de forma a produzir discursos soberanos na produção de representações de masculino e feminino. Para muitos, o movimento de rebolar, por exemplo, é ‘essencialmente’ feminino”. Percebe-se que culturalmente há uma maior preocupação do homem sobre a parte do corpo e o movimento que o mesmo irá executar antes mesmo da prática da dança em si. Isto sem pensar no ritmo musical e de qual ambiente estamos falando. Ao que parece o homem busca evitar qualquer ato que possua representações do universo feminino para evitar ter sua masculinidade questionada na sociedade. Afinal, de acordo com Souza (2007) apud Andreoli (2010b, p.85), “[...] ser aceito socialmente é uma condição para o masculino dançar.”

Mesmo sendo o ritmo musical preferido pelos estudantes de ambos os sexos, o receio dos meninos executarem movimentos corporais também esteve presente no funk (40%) conforme representado na TAB. 15.

Tabela 16 - O ritmo em que ocorreu o receio do movimento por parte do sexo masculino

Ritmo	Resultado geral (%)	Resultado masculino (%)	Resultado Feminino (%)
Funk	40	50	0
Antes do ritmo, o simples rebolar	30	25	50
Disco, tipo “I Will Survive”	10	12,5	0
Hip-Hop / Trap	10	12,5	-
Forró	10	0	50
Total	10 = 100%	8 = 100%	2 = 100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Novamente percebe-se que não é o estilo musical propriamente dito que dificulta a prática masculina da dança, mas ato de dançar e isto pode ficar mais claro a partir da segunda maior frequência de respostas dos estudantes que disseram que o receio masculino acontecia antes do ritmo, “o simples ato de rebolar” (30%).

Tabela 17 - Motivo do receio do movimento por parte do sexo masculino

Motivo	Resultado geral (%)	Resultado masculino (%)	Resultado feminino (%)
Preconceito	27,27	25	33,33
Bullying	18,18	12,5	33,33
Vergonha e tabu	18,18	25	0
Costume	9,09	12,5	0
Por não gostar nem do ritmo e nem da dança em si	9,09	0	33,33
Receio de perder o ritmo	9,09	12,5	0
Timidez	9,09	12,5	0
Total	11 = 100%	8 = 100%	3 = 100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Conforme representado na TAB. 16, o preconceito foi o motivo da existência do receio dos meninos se movimentarem mais citado pelos estudantes (27,27%), seguido pelo bullying (18,18%), vergonha e tabu (18,18%), costume (9,09%), por não gostar nem do ritmo e nem da dança em si (9,09%), receio de perder o ritmo (9,09%) e timidez (9,09%).

“Preconceito né, tanto que tipo meninos zoando meninos mesmo. Você não tinha ninguém para dar aquela confiança. Então se você fizesse qualquer coisa seus próprios amigos começavam a te zoar, então você ficava tipo assim: putz, não vou fazer mais”. (Estudante do sexo masculino 6)

“É uma coisa enraizada assim né, uma coisa meio preconceituosa eu diria. Pois a gente tinha e tem muito tabu a coisas de sexualidade”. (Estudante do sexo masculino 7)

“Preconceito. Dele, do outro, da sociedade. Talvez ele queira dançar, mas ele pode pensar em sofrer bullying. Inibe sua prática por causa disso.” (Estudante do sexo feminino 1)

Conforme representado na TAB. 17 os movimentos sensuais foram descritos como os movimentos que as meninas possuíam maior receio de executar (40%) e em segundo lugar os movimentos de quadril (20%), que, quase sempre é relacionado com o ato do rebolado, seguidos pela dança em dupla (20%) e não por um movimento específico, mas pela vergonha de dançar (20%).

Tabela 18 - Os movimentos que as meninas possuíam receio

Movimento	Resultado geral (%)	Resultado masculino (%)	Resultado feminino (%)
Movimentos sensuais	40	33,33	50
Quadril	20	0	50
Dança em dupla	20	33,33	0
Não um movimento específico, mas vergonha de dançar	20	33,33	0
Total	5 = 100%	3 = 100%	2 = 100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Para Andreoli (2010a, p. 110) “a preocupação com a sensualidade ou com o aperfeiçoamento da beleza física, são considerados naturais, ou seja, próprios da natureza ou da essência feminina”.

Já com relação às representações hegemônicas de feminino, autores como Tubert (1996), apontam, sobretudo em culturas ocidentais modernas, a feminilidade que é normalmente identificada como estando relacionada à capacidade reprodutora e à maternidade. Inúmeras práticas discursivas nomearam e descreveram a feminilidade desse modo, ao longo da história, como uma forma de ser reduzida apenas a essa função biológica. (ANDREOLI, 2010a, p. 110)

Embora possuam preocupações distintas, tanto a mulher quanto o homem se esbarram constantemente nos papéis sociais pré-estabelecidos culturalmente, dentro e fora da dança. O homem preocupa-se com sua masculinidade a ponto de evitar manifestações consideradas “femininas” que possam colocar em questão a sua orientação sexual ou sua própria masculinidade. Já a mulher possui uma preocupação quanto a sua feminilidade e sensualidade que, em muitas vezes, é inibida em virtude do machismo, por exemplo. Isto pode ser percebido tanto nas respostas das estudantes quanto em sala de aula, em que havia meninas que se sentiam

desconfortáveis para dançar enquanto meninos às assistiam e também havia meninas que não se sentiam confortáveis para dançar com os meninos em dupla.

O funk (25%), o pop internacional (25%) e o forró (25%) foram citados pelos estudantes como os ritmos musicais em que ocorreram o receio por parte das meninas de realizar algum movimento corporal. Para além dos ritmos musicais o *lap dance* (dança sensual na cadeira) também foi citado pelos estudantes (25%).

Tabela 19 - O ritmo/dança em que ocorreu o receio do movimento por parte do sexo feminino

Ritmo	Resultado geral (%)	Resultado masculino (%)	Resultado feminino (%)
Funk	25	0	100
<i>Lap dance</i> na cadeira	25	33,33	0
Pop internacional	25	33,33	0
Forró	25	33,33	0
Total	4 = 100%	3 = 100%	1 = 100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

“As meninas se sentiram muito desconfortáveis fazendo lap dance na cadeira. Aquela dança mais sexy. Apenas três delas se sentiram confortáveis para fazer, o resto da turma não.” (Estudante do sexo masculino 3)

Os motivos descritos pelas estudantes da existência deste receio de executar determinados movimentos corporais foram o bullying (20%), o assédio (20%), o medo da exposição (20%), o contato físico (20%) e o receio de serem chamadas de promiscuas, “vagabundas” (20%).

Tabela 20 - Motivo do receio do movimento por parte do sexo feminino

Motivo	Resultado geral (%)	Resultado masculino (%)	Resultado feminino (%)
Bullying	20	0	50
Assédio	20	0	50
Medo da exposição	20	33,33	0
Por conta do contato físico	20	33,33	0
Receio de serem chamadas de “vagabundas”	20	33,33	0
Total	5 = 100%	3 = 100%	2 = 100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

As respostas das estudantes fazem relação com o problema ocorrido em uma turma de agressão virtual, assédio e zoação dos meninos contra as meninas e também a problemática

existente na sociedade do machismo e da inferiorização da mulher. Ironicamente o mesmo grupo social que estereotipa determinada prática corporal como pertencente a determinado gênero, consegue também agredir o mesmo gênero durante sua prática. Em outras palavras, acabam reproduzindo culturalmente que dança é para mulher, mas até quando são as mulheres que dançam elas acabam sendo atacadas.

3.4 As “zoações”

Quando perguntados sobre terem presenciado em sala de aula alguém ser zoado por dançar, 50% dos estudantes afirmaram já terem visto um menino ser zoado e 10% afirmaram já terem visto uma menina ser zoada. Porém através das respostas de alguns estudantes percebe-se que a zoação ainda é, em algumas vezes, considera apenas uma “brincadeira”.

“Não, no máximo algumas brincadeiras entre amigos, mas nenhum problema. Tipo alguém fazer um movimento errado e o pessoal vai e brinca, tipo: “olha lá, o fulano dançando errado”. Mas tudo na brincadeira.” (Estudante do sexo masculino 4)

Conforme representado na TAB. 20, o dançar errado foi o motivo mais descrito pelos estudantes sobre a zoação contra os meninos (25%). Para eles a zoação também pode ter sido por causa dos amigos (12,5%), por causa do forró (12,5%), um menino em específico ser “enferrujado” (12,5%), por ser uma pessoa próxima (12,5%), apenas pela dança (12,5%) e pela falta de adaptação (12,5%).

Tabela 21 - Motivos da zoação contra os meninos

Motivo	Resultado geral (%)	Resultado masculino (%)	Resultado feminino (%)
Por dançar errado	25	40	0
Por causa dos amigos	12,5	0	50
Por causa do forró	12,5	0	50
Um menino ser “enferrujado”	12,5	20	0
Por ser uma pessoa próxima	12,5	20	0
Apenas pela dança	12,5	20	0
Falta de adaptação	12,5	20	0
Total	8 = 100%	5 = 100%	2 = 100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Já os 10% dos estudantes que afirmaram já terem visto uma menina ser zoada descreveram como possível causa o rebolado (50%) e por causa do “Problema ocorrido em uma turma” em que houve *bullying*, assédio e crítica dos corpos femininos (50%).

Sobre a intervenção da turma nestes momentos de zoação, os estudantes responderam que faziam “panelinhas” (37,50%), todo mundo ria (25%), retiravam os meninos da dança (12,50%), se adaptavam (12,50%) e não tinham nenhuma intervenção da turma (12,50%).

Já sobre a intervenção dos professores, os estudantes responderam, a partir de suas próprias compreensões, que: eles conversavam e resolviam o problema (28,57%), não faziam nada se não passasse do limite (28,57%), não percebiam (14,29%), riam também (14,29%) e não tinham nenhuma intervenção dos professores (14,29%).

Observa-se, a partir das respostas dos estudantes, certa naturalização dessas “brincadeiras” e/ou “zoações” tanto por parte deles quanto por parte de seus professores. Faz-se necessário uma reflexão sobre o limite existente entre uma simples “brincadeira” e/ou “zoação” e o *bullying*, que pode se configurar como um fator inibitório e conformador do ser masculino na dança.

De acordo com Patrício (2013, p.50), “na brincadeira pressupõe que ambos os envolvidos estejam se divertindo, o que não ocorre no *bullying*. No *bullying* a assimetria de poder é visível, apenas alguns se divertem em detrimento de outros”. Conforme descrito anteriormente, vivenciou-se muitos momentos destas brincadeiras entre os estudantes uns contra os outros por um simples movimento corporal, tenha sido ele um rebolado ou não. Porém a partir das contribuições do autor, compreende-se que algumas destas situações não foram divertidas para ambas as partes. Para Mello *et al* (2009), os meninos são mais propensos do que as meninas a se envolverem com o *bullying*, e o mesmo foi percebido nesta pesquisa.

O caso de *bullying* mais explícito foi em relação a agressão e zoação virtual dos meninos contra as meninas que atacavam seus corpos, que após intervenção da professora e da turma foi resolvido através de diálogo e de acordos. Porém, quando pensamos nos ataques sofridos pelos meninos durante as aulas de dança, no contexto de todas as turmas, percebemos que todos eles ocorreram de forma sutil, implícita e de maneira mais repetitiva – percebida durante todo o período de contato com o conteúdo.

Ao serem “zoados” durante as aulas ao dançarem, muitos meninos começavam a minimizar seus movimentos ou até mesmo paravam de se movimentar naquele mesmo momento. De fato, se controlar ou se inibir não transpareceu ser divertido para quem estava sendo zoadado e sim vergonhoso. Importante ressaltar, também, que o preconceito será descrito

no próximo tópico pelos estudantes como um dos fatores que torna a dança mais difícil para os homens. Sobre a relação entre bullying e preconceito, Fabricio (2013, p. 29) colabora

Antunes e Zuin (2008) no artigo ‘Do Bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação’ afirmam que o bullying é uma expressão de preconceito presente nas sociedades e culturas pretensamente democráticas. Como preconceito definiu-se como uma atitude de hostilidade nas relações interpessoais, dirigida contra um grupo inteiro ou contra os indivíduos pertencentes a ele, e que preenche uma função irracional definida dentro da personalidade (JOHODA; ACKERMAN, 1969, apud ANTUNES; ZUIN, 2008). Ainda segundo Antunes e Zuin (2008), não é o preconceito que desfigura a ordem social, pelo contrário, é a ordem estabelecida atualmente que não pode existir sem desfigurar os próprios homens. A perseguição do outro, a repugnância do inimigo imaginário, têm por essência a violência cotidiana que se manifesta contra tudo aquilo que não conseguiu se ajustar totalmente, o que feria as “certezas” sobre as quais o progresso se sedimentou.

A partir do preconceito cultural contra o homem que dança se faz as “brincadeiras” e/ou “zoações” entre amigos que, a partir de um limite subjetivo, transforma-se em *bullying*. Percebe-se que para os homens não é difícil apenas o ato de dançar, mas também o de continuar dançando quando a qualquer momento ele pode ser zoadado e isto naturalizado pela turma e pelo professor.

Ao compreender uma normalidade em qualquer tipo de preconceito o professor acaba colaborando para que o mesmo se repita, mesmo que não haja a intenção. Ao ministrar o conteúdo dança, o professor de EF deveria promover a sua prática para todos e coibir os preconceitos. Devemos nos atentar que a prática do preconceito por parte do professor ocorre não apenas quando ele ri das “brincadeiras” e/ou “zoações”, mas também quando ele escuta e vê, mas não intervém.

3.5 A dança e o homem

Sobre a prática da dança pelo homem, 90% dos estudantes afirmaram que a dança é um conteúdo mais difícil para os homens e mais fácil para as mulheres. Conforme representado na TAB. 21, o motivo mais citado pelos estudantes que justificaria a dança ser um conteúdo mais difícil para os homens é o que eles possuem mais prática de esporte ao longo da vida do que dança especificamente (40%), seguido pelo medo do que as pessoas vão achar (30%), preconceito (20%) e vergonha e timidez (10%).

Tabela 22 - Motivos da dança ser mais difícil para os homens

Motivo	Resultado geral (%)	Resultado masculino (%)	Resultado feminino (%)
O homem tem mais prática de esporte ao longo da vida	40	42,86	33,33
Medo do que as pessoas vão achar	30	28,57	33,33
Preconceito	20	14,29	33,33
Vergonha e timidez	10	14,29	0
Total	10 = 100%	7 = 100%	3 = 100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

“Por causa de que tipo, a prática de esporte – não falando com preconceito –, mas o homem ele meio que prefere o esporte naturalmente. Por causa que vem da cultura. A cultura do Brasil é o futebol, não é dança. Tem mais incentivo. É. Tipo, o Neymar e o Filipe Coutinho ganham na casa dos 15 milhões. A Marta ganha o que? 26 mil. E tem hora que joga mais do que eles.” (Estudante do sexo masculino 2)

“Porque a gente está em uma sociedade que a criança... A sociedade não, o modelo de ensino do Brasil, pelo menos de Educação Física, é tratado com muita injustiça. Aí as crianças crescem no prézinho, ensino fundamental 1 e 2, aprendem que o menino vai jogar futebol e a menina vai jogar queimada. Então sempre os meninos vão ter mais afinidade com o esporte do que as meninas. Então chega na dança, que é uma coisa que menina está mais acostumada, os meninos ficam mais desajustados.” (Estudante do sexo masculino 3)

“Tipo, entre um esporte e uma dança eu creio que seja mais difícil a dança. Não sei se pelos movimentos. Eles têm mais prática de esporte do que as meninas.” (Estudante do sexo feminino 2)

Silva *et al.* (2008), conforme citado por Santos e Filho (2012, p.1), “explicam então que os homens passaram a ser detentores das atividades de combate ou mesmo esportes coletivos, pois era sabido que essas atividades fortaleceriam o corpo do homem para futuras práticas militares.” Embora hoje o objetivo da EF não seja de preparar o corpo dos homens para futuras práticas militares, ainda encontramos resquícios desta tendência militarista nas escolas contemporâneas. Isto porque atividades de combate e esporte ainda são relacionados a figura masculina, e não a figura feminina.

Como vimos nos resultados anteriores, a Educação Física escolar pode ser o primeiro espaço de contato do estudante com a dança, tanto para homens quanto para mulheres. Porém, para além do ambiente escolar, observa-se que, constantemente, os homens recebem mais

estímulos para a prática do esporte do que para a dança. Estes estímulos podem ser vistos nas propagandas esportivas, nos jornais, nas brincadeiras de bairro entre crianças e até mesmo dentro de casa. No final, o que se percebe é uma reprodução dos papéis sociais passados dos mais velhos para os mais novos que designa quais são as práticas femininas e quais são as práticas masculinas.

3.6 Dança, sexualidade e cultura

Um resultado unânime entre os estudantes foi em relação a dança ser relacionada como uma prática feminina ou homossexual.

“Eu acho que existem muitos tipos de dança. Tem tipo de dança que você fala: “isso é para menina”. Mas tem dança que não vejo nenhum tipo de preconceito não. Tipo uma dança de dupla... Uma dança em conjunto. Aquela dança tipo um rap. Eu acho que – não que eu tenha preconceito –, mas tem dança que eu não dançaria. Tipo um balé. Não me vejo com aquela roupinha fazendo balé. Eu não me vejo fazendo. É mais feminina, mas é porque eu não me vejo fazendo. Mas eu não tenho problema com quem faz, mas eu não me vejo fazendo.” (Estudante do sexo masculino 2)

“Óbvio. Isso tem muito de como a gente mostra a dança. É muito comum a gente saber falar dançarina, exemplo: “você viu tal coisa, no programa de tv” e a gente não sabe falar nomes masculinos. Isso se dá, por exemplo, quando em uma noite de domingo as 15h da tarde, ao invés de estar abrindo espaço para mais pessoas tem 20 dançarinas (mulheres) no palco com 1 apresentador (homem). Só para poder estar mostrando bonito. Isso tem muito na sociedade.” (Estudante do sexo masculino 3)

Na fala do estudante do sexo masculino 2 percebe-se que o mesmo afirma que existem tipos de danças específico para meninas, tipos de danças em que ele não vê nenhum tipo de preconceito, tipos de danças que ele não vê problema em dançar “tipo um rap” e danças que ele não dançaria “tipo um balé”, pois não se vê com “aquela roupinha”. Mas finaliza sua fala afirmando que não tem problema com quem faz, mas não se vê fazendo. Ao longo de toda a sua resposta percebe-se a reprodução de um preconceito cultural que parece passar despercebida pelo estudante.

Já a fala do estudante do sexo masculino 3 utiliza como exemplo os meios de transmissão, no caso a TV aberta brasileira. Para ele falta representatividade masculina na “dança espetáculo” mostrada nos canais de televisão. Para ele a figura da mulher é utilizada como representação da beleza, mas isso acaba tornando o sexo feminino o único representante da dança, quando a única figura masculina nesse meio é a do apresentador (que não dança).

A fala destes dois estudantes, embora possuam posicionamentos distintos, fazem relação com o impacto cultural na sociedade.

Esta relação dialoga diretamente com o principal fator afirmado pelos estudantes como influenciador para a existência do preconceito contra o homem que dança, que também foi a cultura (40%), seguido pelo rebolado e o movimento masculino (20%), a sexualidade e a sensualidade (20%), os comentários de outras pessoas (10%) e o próprio preconceito, a dança e a roupa (10%).

Com isso, evidencia-se o papel da escola durante o processo de formação dos jovens na construção de um capital cultural em dança. Entretanto, a prática pedagógica desenvolvida nesse meio reforça os valores, vivenciados em toda sociedade, de que a dança é atividade direcionada ao gênero feminino. Consideramos isso um atraso em relação à disseminação da dança enquanto prática ou consumo, o que reforça valores distorcidos pela incompreensão de elementos do universo da dança. Isso pode gerar conflitos, ao considerar a dúvida sobre a masculinidade do homem que dança um erotismo exacerbado atribuído pela mídia aos corpos seminus expostos na televisão. [...] A dança representa os símbolos e significados da maneira de viver dos grupos sociais. É como inibir ou retirar a possibilidade de uma pessoa sentir emoções, de expressar seus sentimentos. Está sendo roubada a oportunidade de homens e mulheres desfrutarem da plenitude de suas vidas, quando se lhes impedem de experimentar as diferentes sensações na dança. (MEDINA, *et al.* 2008, p. 110)

O impacto da cultura e do preconceito cultural foi notado em sala de aula por 80% dos estudantes.

“Já tinha um preconceito com a dança antes mesmo dela começar.”
(Estudante do sexo masculino 1)

“A própria timidez de dançar acredito ser por causa disso.” (Estudante do sexo masculino 4)

“Em momentos de caçoar um menino só por causa de movimento. Ou só pelo fato de ser um menino mesmo, e não uma menina. Essas coisas sempre caem em cima dos meninos.” (Estudante do sexo masculino 6)

“Nos momentos de se soltar, por exemplo. Até mesmo na questão do rebolar ou não conseguir.” (Estudante do sexo masculino 7)

Para os estudantes a escola e a Educação Física podem mudar este impacto do preconceito cultural acerca da dança na sociedade, mas para isso, algumas coisas devem ser feitas.

Tabela 23 - Como a escola e a Educação Física podem mudar este cenário na sociedade

Resposta	Resultado geral (%)	Sexo masculino (%)	Sexo feminino (%)
Maior inserção da dança na escola	40	57,14	0
Professores devem continuar trazendo conhecimento teórico e prático sobre a dança	30	42,86	0
Trabalho coletivo: escola + Educação Física + família	10	0	33,33
Levando mais atividades para fora da escola (Exemplo: praça)	10	0	33,33
Tornar a dança “normal” e a apresentar para todo mundo	10	0	33,33
Total	10 = 100%	7 = 100%	3 = 100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Conforme representadas na TAB. 22, para mudar este cenário na sociedade os estudantes acreditam que a escola e a Educação Física devam realizar uma maior inserção da dança na escola (40%), os professores devem continuar trazendo conhecimento teórico e prático sobre a dança (30%), deve haver um trabalho coletivo entre escola, Educação Física e família (10%), deve ser levadas mais atividades para fora da escola (10%) e devem tornar a dança algo “normal” a apresentando para todo mundo (10%).

Faz-se importante perceber que mesmo sendo o grupo que “mais dança na escola” nenhuma estudante do sexo feminino falou sobre a maior inserção do conteúdo na escola, ao contrário do sexo masculino que mesmo sendo os “que menos dançam”, 57,14% do grupo sugeriram a maior inserção da dança na escola.

Pensando no caso do IF, a dança está inserida apenas no segundo ano do Ensino Médio devido a divisão sistematizada de conteúdos realizada pelos professores. Mais da metade dos estudantes homens entrevistados sugeriram uma maior inserção da dança na escola como uma forma de resolução da problemática desta pesquisa: a prática masculina da dança. Interessante refletirmos sobre a sugestão dos estudantes, quando a maior parte deles nunca tiveram contato com o conteúdo antes e acabaram de viver o seu primeiro contato. Nessa questão podemos compreender melhor o papel da dança na escola.

A escola deve se ocupar de uma formação crítica, direcionada a compreender as complexas relações sociais de desigualdade entre as classes, bem como as bases que influenciam a construção dos conhecimentos espontâneos e dos científicos; identificar

de que forma a dança pode contribuir significativamente para a formação dos sujeitos que só terão acesso ao saber sistematizado naquele local. (SOARES e DA SILVA, 2020)

3.7 O festival de danças

No final do bimestre ocorreu o festival de danças do Instituto Federal organizado por todas as turmas do segundo ano do Ensino Médio do IF. Embora o festival seja parte do conteúdo avaliativo do período de danças, não houve obrigatoriedade dos alunos dançarem. Quem não quisesse ou não se sentisse à vontade para dançar em público poderia assumir alguma função dos bastidores ou outra forma de apresentação como apresentação de cartaz ou tocar algum instrumento. Dessa forma, todos os estudantes participaram do festival. Dos dez alunos entrevistados, sete dançaram, dois ficaram nos bastidores e um tocou violão. Dos que não dançaram dois estudantes do sexo masculino afirmaram não ter dançado pelo motivo de nenhum homem da sua sala dançar por causa da confusão criada com as meninas e uma estudante do sexo feminino disse não se sentir confortável dançando e que por isso escolheu tocar violão.

Os ritmos das músicas apresentadas pelos estudantes que dançaram foram um *Medley* de ritmos de músicas de artistas negros: disco, pagode, pop, funk, brega-funk (22,22%), funk (22,22%), rock antigo (22,22%), pop (11,11%), hip-hop (11,11%) e sertanejo (11,11%).

Sobre a experiência de participar de um festival de dança os estudantes a descreveram como boa (25%), diferente (12,5%), mágica (12,5%), incrível (12,5%), divertida (12,5%), “assustadora, senti vergonha e ansiedade” (12,5%) e “ruim, mas gostei” (12,5%).

As diferenças encontradas pelos estudantes entre danças nas aulas de EF e no festival foram a presença de público (71,43%), a maior concentração na apresentação do que nas aulas (14,29%) e receber o retorno de outras pessoas (14,29%).

Em uma turma em específico, conforme abordado anteriormente houve um problema entre meninos e meninas, em que os meninos agrediram virtualmente as meninas e os seus corpos. Após isso, as meninas não queriam dançar mais e em uma conversa entre a turma e a professora ficou decidido que os meninos não dançariam, ficariam apenas nos bastidores para que as meninas pudessem dançar sem receio.

“Era o momento das meninas. Os meninos ficaram apenas nos bastidores por conta desse problema que a gente teve. As meninas se sentiram mais confortáveis por conta desse erro gravíssimo que nós cometemos. Foi uma decisão dos meninos e da professora de deixar essa dança para elas dizerem o que elas têm a dizer, ter essa liberdade de expressão. Porque acho que o mínimo que a gente poderia ter feito depois de todo esse problema, de todo esse impasse que a gente teve foi exatamente esse. Mas nós desenhamos cartazes, levamos os cartazes até lá. Havia frases relacionadas ao feminismo, como “respeita as mina” que é uma das músicas tratadas na dança. Com símbolos do feminismo, cores relacionadas ao feminismo. Isso para poder não apenas ter um envolvimento nosso, mas para trazer essa mensagem não apenas na dança ou nas músicas, mas também como uma reconciliação da turma. Bom, as meninas desenvolveram a dança. Quando elas desenvolviam a dança elas acabavam pedindo pra gente (meninos) se retirar. E acho que isso era o certo, ainda não tinha coragem de mostrar o que tinha para apresentar. Mas essa decisão foi tomada em conjunto, das meninas executaram a dança e os meninos executaram os cartazes, uma decisão nossa.” (Estudante do sexo masculino 1)

Faz-se necessário refletirmos sobre a decisão em conjunto tomada pela professora e pela turma de excluir os meninos da dança para que as meninas pudessem dançar. Embora os meninos tenham cumprido a sua participação levando e apresentando cartazes sobre feminismo, muitas estudantes da turma afirmaram que eles apenas o fizeram por conta da avaliação, e não por aquela atitude os representarem. Aparentemente a maioria dos meninos já não queriam dançar, com isso, de certa forma, acabaram conseguindo o que queriam. Mas em contrapartida, aparentemente não haveria participação das meninas se os meninos participassem.

Entendendo a dança enquanto conteúdo da EF podemos perceber que os objetivos atitudinais estiveram presentes nessa iniciativa, entretanto, não temos a dimensão do que os estudantes de fato apreenderam do ocorrido. Fato é que, enquanto expressão de sentimentos, a dança trouxe à tona estereótipos de gênero e preconceitos envolvidos na sociedade em relação aos que dançam e aos que não o fazem.

4. QUANDO A DANÇA TERMINA: POSE FINAL

Ainda existe na sociedade contemporânea obstáculos entre o ser homem e o ato de dançar. Quando estes obstáculos não existem no ambiente social da figura masculina, obstáculos são criados pelo próprio indivíduo, seja pela masculinidade frágil ou seja pelo medo de ser relacionado a figura feminina ou homossexual. Este estudo teve como objetivo compreender a visão de alunos do Ensino Médio sobre o homem que dança, antes, durante e após vivenciarem este conteúdo nas aulas de Educação Física escolar.

Com os resultados percebeu-se que, embora o preconceito e a homofobia serem negados pelos sujeitos deste estudo, eles acabam reproduzindo comportamentos e falas que contradizem seus posicionamentos. No caso das mulheres, esta reprodução do preconceito cultural é mais sutil e indireta, no caso dos homens mais agressiva e direta, escamoteando-se em formas de brincadeiras e zoações.

De fato, a dança possui significações distintas para os homens e para as mulheres. Ressalta-se que a partir dos resultados encontrados neste estudo, muitas vezes, o sexo masculino além de não possuir nenhum tipo de contato com a dança, também não possui nenhuma concepção formada do conteúdo, tendo dificuldades em atribuir um significado geral ou pessoal para essa prática corporal.

Para o homem dançar parece haver uma série de pré-requisitos determinantes para a possibilidade de sua (não) execução, tais como: De que tipo de dança estamos falando? Qual o movimento a ser realizado? Qual o estilo musical? Outros homens fazem isso? E os homens que fazem são heterossexuais ou homossexuais? Qual o estereótipo da pessoa que faz esta dança? Somente as mulheres estão fazendo? Em qual espaço essa dança será realizada?

Este estudo ressalta a extrema importância a presença da dança no ambiente escolar, visto que o espaço acaba sendo o cenário do primeiro contato de muitos estudantes com o conteúdo, principalmente dos homens que possuem certa “sonegação” do conteúdo no seu dia a dia. Porém, os estudantes parecem necessitar de um certo tempo para se permitirem a se adentrarem na dança e se sentirem “representados” por essa prática corporal, sendo esse tempo maior para os meninos.

Embora o professor trabalhe o conteúdo para toda a turma, a divisão por gêneros ainda ocorre implicitamente, não sendo, muitas vezes, nem percebida pelo professor e nem pelos alunos. Ainda que o conteúdo dança seja trabalhado para todos independente de sexo, gênero e orientação sexual, os estudantes ainda conseguem definir e distinguir, sem dificuldades, a dança

masculina, a dança feminina e a dança de todos, tensionando as opiniões registradas pela maioria que todos os ritmos podem ser dançados por todos.

Na realidade deste estudo a dança faz parte do conteúdo programático da disciplina de Educação Física do Ensino Médio, porém sabemos, na prática e/ou na literatura, que esta não é uma realidade de todas as escolas brasileiras. Em ambientes em que a dança acontece anualmente já foi possível perceber a existência de preconceitos, tabus e problemas relacionados ao gênero, agora imaginemos em espaços escolares em que a dança não é trabalhada pelo professor de EF?...

A dança não pode ser manipulada apenas como uma atividade física, a dança deve ser compreendida como uma prática corporal generificada e carregada de preconceitos culturais que atravessam as fronteiras da masculinidade, atingindo também as mulheres. Talvez a maior dificuldade tanto para o aluno quanto para o professor de EF seja lidar com o papel social da masculinidade ao mesmo tempo em que a heteronormatividade molda as estruturas funcionais e comportamentais dos homens e das mulheres na sociedade.

Porém, nada adianta a inserção da dança pelo professor de Educação Física em suas aulas se o mesmo não estiver preparado para lidar com questões de gênero, sexualidade e masculinidade. Pois, assim como ocorre a reprodução de preconceitos culturais e comportamentais com os estudantes também é percebida esta reprodução por parte dos professores. E o que deveria ser um trabalho que poderia ter o papel de mudança social e pessoal na vida dos estudantes acaba realizando apenas mais do mesmo, sem nenhum benefício ou objetivo.

Embora exista na literatura diversos estudos acerca do gênero e da dança publicados ao longo dos anos – e isto pode ser verificado neste estudo a partir dos anos das referências utilizadas–, a problemática do homem na dança, a partir dos resultados, ainda não foi resolvida. Neste momento é que a Educação Física e os professores deveriam se perguntar: Por que?

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. *et al.* Gênero e cultura corporal de movimento: práticas e percepções de meninas e meninos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 1. Abr. 2018.

ANDREOLI, G. S. **Dança, Gênero e Sexualidade: narrativas e performances**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019. 141 p.

ANDREOLI, G. S. Dança, gênero e sensualidade: um olhar cultural. **CONJECTURA: filosofia e educação**, v. 15, n. 1, p.107-118, jan./abr. 2010a. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/186/177>>

ANDREOLI, G. S. Representações de masculinidade na dança contemporânea. **Revista Movimento**, v. 17, n. 01, p. 159-175, 2011b.

BETTI, I. C. R. Esporte na escola: mas é só isso, professor. **Motriz**, v. 1, n. 1, p. 25-31, 1999.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradução Maria João Alvarez. Porto: Porto, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** (versão final). 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>

BRASILEIRO, L. T. O conhecimento curricular escolar: o conteúdo dança em aulas de educação física na perspectiva crítica. **Revista Movimento**, v. 8, n. 3, p. 5-18, set./dez. 2002.

CAVASIN, C. R.; FISCHER, J. A dança na aprendizagem. **Revista da Pós**, v. 3, n. 1, p. 1-8, 2003.

DE ASSIS, M. D. P.; DO CARMO SARAIVA, M. O feminino e o masculino na dança: das origens do balé à contemporaneidade. **Movimento**, v. 19, n. 2, p. 303-323, 2013.

DE SOUZA, A. A. A.; BRASILEIRO, L. T. Saberes docentes de professoras de Educação Física sobre o conteúdo dança. **Motrivivência**, v. 31, n. 59, 2019.

DE LEÓN, A. Tem viado no gramado dos campos de futebol? Uma proposta metodológica para analisar diferentes performances masculinas. In: C. Machado, M. Nunes e I. Santiago

(orgs.), **Olhares: gênero, sexualidade e cultura**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, pp. 47-72, 2011.

DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre, Penso, 432 p. 2006

DO VALLE LEITÃO, F. C.; DE SOUSA, I. O homem que dança... **Motrivivência**, n. 8, p. 250-259, 1995.

FRIGOTTO, G.; DE LIMA ARAUJO, R. M. Práticas pedagógicas e ensino integrado. In: FRIGOTTO, G. (Org.). **Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: Relação com o ensino médio integrado e o projeto societário de desenvolvimento**. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, p. 249, 2018.

GASPARI, T. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física escolar e dança: uma proposta de intervenção** (Tese de mestrado). Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, Brasil, 2005.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil – UAB. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GLUCKMAN, M. Análise de uma situação social na Zululândia Moderna. Tradução de Roberto Yutaka Sagawa e Maura Miyoko Sagawa. **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

GOELLNER, S. V. Mulheres, memórias e histórias: reflexões sobre o fazer historiográfico. In GOELLNER, S. V.; JAEGER, A. A. (Orgs.). **Garimpando Memórias: esporte, educação física, lazer e dança**. 2ª edição. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

GONÇALVES, A. O. G. SEXUALIDADE, MASCULINIDADES E DANÇA: o preconceito e o (des)respeito ao bailarino numa incursão aos filmes Billy Elliot e Dzi Croquettes. **Gênero, Sexualidade e Corpo**, Goiânia, p. 102-115, 2014.

GONÇALVES, A. C. Gênero, raça e sexualidade em performances de pole dance. **32º Reunião Brasileira de Antropologia**. Anais [...]. Online, 2020. Disponível em: <<https://www.32rba.abant.org.br/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyI7czozNToiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSzZPIjtzOjQ6IjI5NTIiO30iO3M6MT0iaCI7czozMjoiNTc4Zjc0NzUwM2NIN2IxYWwiNDkxMmExMWE4ZWU2MTgiO30%3D>>

GUIMARÃES, J. R.; BIANCHINI, H. M. Dança: um conteúdo desafiador. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 18, n. 1, p. 55-60, 2020.

KLEINUBING, N. D.; SARAIVA, M. D. C.; FRANCISCHI, V. G. A dança no ensino médio: reflexões sobre estereótipos de gênero e movimento. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 24, n. 1, p. 71-82, 2013.

KUNZ, M. **Dança e gênero na escola: Formas de ser e viver mediados pela educação estética** (Tese de doutoramento não publicada). Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana, Cruz Quebrada. 2003.

ROCHA, L. F. R. Práticas corporais de aventura na educação física escolar: compartilhando uma experiência de formação de professores. NICÁCIO, L. G; ANJOS, L. A. dos; FARIA, E. L; NIGRI, B. S; MENDES, G. F. (orgs). **Formação na Prática**, p.138-155, 2020.

LEÓN, M. La familia nuclear: origen de las identidades hegemónicas femenina y masculina. In: ORANGO, G.; LEÓN, M; VIVERAS, M. (Org.). **Género y identidad: ensayos sobre lo femenino y lo masculino**, Bogotá: TM Editores, p. 169-191, 1995.

LIMA, F. M. de; DINIS, N. F. Corpo e gênero nas práticas escolares de Educação Física. **Currículo Sem Fronteiras**, v. 7, p. 243-252, 2007.

PACHECO, E. M. **Os Institutos Federais: uma revolução na educação profissional e tecnológica**. 2018. Disponível em: <
http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/insti_evolucao.pdf>

MATIAS-RODRIGUES, M. N.; ARAÚJO-MENEZES, J. Jovens mulheres: reflexões sobre juventude e gênero a partir do Movimento Hip Hop. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, [s.l.], 12 (2), pp. 703-715, 2014.

MEDINA, J. *et al.* As representações da dança: uma análise sociológica. **Movimento** (ESEFID/UFRGS), v. 14, n. 2, p. 99-113, 2008.

MELLO, F. C. M. *et al.* A prática de bullying entre escolares brasileiros e fatores associados, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, p. 2939-2948, 2017.

NANNI, D. **Dança educação: princípios, métodos e técnicas**. 4 ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.

NANNI, D. O ensino da dança na estruturação/expansão da consciência corporal e da auto-estima do educando. **Fitness & performance journal**, n. 1, p. 45-57, 2005.

OLIVEIRA, J. P. de; LEAL, L. A. P. **Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2009.

PATRICIO, C. J. **A violência por trás da brincadeira: um estudo quantitativo sobre o bullying entre estudantes de belo horizonte**. 69 f. Dissertação (Mestrado em Promoção de Saúde e Prevenção de Violência). Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Belo Horizonte-MG, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/BUOS-9GHJEK>>

PEREIRA, F. A. dos S. **Currículo, Educação Física e diversidade de gênero**. 198 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. São Paulo-SP, 2009. Disponível em: <<https://sapiencia.pucsp.br/handle/handle/10160>>

REIS, A. C. O feminino na dança do ventre: uma Análise Histórica sob uma perspectiva de Gênero. **Divers@!**, Matinhos, v. 1, n. 1, p. 56-67, 2008. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/diver/article/view/34038/21199>>

SALES, S. R.; PARAÍSO, M. A. O Jovem Macho e a Jovem Difícil: governo da sexualidade no currículo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 603-625, abr./jun. 2013.

SANTOS, V. C. dos. Índícios de sentidos e significados de feminilidade e de masculinidade em aulas de Educação Física. **Motriz (Online)**, Rio Claro, v. 16, n. 4, p. 841-852, Dez. 2010 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-65742010000400004&lng=en&nrm=iso>

SANTOS, L. B. FERREIRA FILHO, R. A. Dança versus masculinidade: o ‘homem’ do século XXI e as nuances sociais relacionadas à discriminação. **EFDeportes.com**, Revista Digital, Buenos Aires, v. 17, n. 168, p. 1-7, maio 2012. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd168/danca-versusmasculinidade-e-a-discriminacao.htm>.

SCOTT, J. W. **Gender and the Politics of History**. New York: Columbia University Press, p. 28-50. 1988.

SILVA, M. G. B.; VALENTE, T. M.; BORRAGINE, S. O. F. A dança como prática regular de atividade física e suas contribuições para melhor qualidade de vida. **EFDesportes**, Revista Digital, v. 15, p. 166, 2012. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd166/a-danca-como-pratica-regular-de-atividade-fisica.htm>>

SOARES, C. E. S.; DA SILVA, J. R. Dança como conteúdo da educação física escolar. **Pensar a Prática**, v. 23, 30 nov. 2020.

SOUZA, M. J. A dança na formação do profissional de educação física: legitimação de uma cultura ou quebra de paradigmas? In: Encontro de Pesquisa em Educação da Região CentroOeste, 6, 2003, Campo Grande. **Anais [...]** Mato Grosso do Sul: Universidade Católica Dom Bosco; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2003.

STINSON, S. Uma pedagogia feminista para dança da criança. **Revista Pro-posições**, v. 6, n. 3, p. 77-89, 1995.

STINSON, S. Reflexões sobre a dança e os meninos. **Revista Pro-posições**, v. 9, n. 2, p. 55-61, 1998.

STRAZZACAPPA, M. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Cadernos Cedex**, v. 21, n. 53, p. 69-83, 2001.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 6 ed. [S.L.]: Artmed Editora, 2009.

TONELI, P. D. **Dança de salão: instrumento para a qualidade de vida no trabalho**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Administração Pública) Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis, IMESA/FEMA. Assis, 2007.

WENETZ, I. Dança e gênero na infância: o menino e a sexualidade. SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11 & 13TH WOMEN'S WORLDS CONGRESS. **Anais [...]**. Florianópolis, 2017.

APÊNDICES

Apêndice I - Questionário

QUESTIONÁRIO

NOME (Apenas o primeiro nome): _____

IDADE: _____ anos

SEXO: () FEMININO () MASCULINO () INTERSEXO: Termo utilizado para um grupo de variações congênitas de anatomia sexual ou reprodutiva que não se encaixam perfeitamente nas definições tradicionais de “sexo masculino” ou “sexo feminino”.

CURSO: _____

01. O que é dança, para você?

02. Você já teve algum contato com a dança? () SIM () NÃO
Se sim, qual?

03. Você gosta de dançar? () SIM () NÃO () ÀS VEZES

04. Com que frequência você dança?

() Não danço. () 1 ou 2x por semana. () 3 ou 4x por semana. () 5x por semana ou mais.

05. O ensino da dança na escola é importante? () SIM () NÃO
Por quê?

06. Você já dançou **na escola**? (Ex.: quadrilha, datas comemorativas)
() SIM () NÃO

07. Você já dançou **em alguma aula de Educação Física**? ()SIM ()NÃO

08. Você já dançou **em ambientes fora da escola**? (Ex.: festas, bailes, boates, rua etc.)
()SIM ()NÃO

09. Você já dançou **em casa** em algumas destas situações?

- () SOZINHO () COM MINHA MÃE () COM MEU PAI () COM IRMÃOS
() FESTA DE FAMÍLIA () NUNCA DANCEI EM CASA
() Outro: _____

10. Você já deixou de dançar por algum destes motivos? Se sim, assinale um X na opção correspondente.

- () VERGONHA () TIMIDEZ () PRECONCEITO () DESCONFORTO
() NÃO SABER DANÇAR () CRÍTICA DE AMIGOS () CRÍTICA DA
FAMÍLIA () OUTRO: _____

11. Você considera a dança uma prática:

- () FEMININA () MASCULINA () DE TODOS

12. Coloque **F** quando você achar que a dança é feminina, **M** quando achar que a dança é masculina, **T** quando achar que a dança é de todos e **X** quando não conhecer o estilo de dança.

() Axé	() Forró	() Rock
() Ballet	() Frevo	() Salsa
() Bolero	() Funk	() Samba
() Bumba Meu Boi	() Hip-Hop	() Sapateado
() Capoeira	() Jazz	() Stiletto
() Carimbó	() Lambada	() Tango
() Ciranda	() Maracatu	() Valsa
() Country/Sertanejo	() Pagode	() Xaxado
() Dança de Rua/Street Dance	() Pole Dance	() Zouk
() Dança do Ventre	() Quadrilha	() Zumba
() Danças Africanas		() Outro: _____

13. Você já foi “zoad” por dançar? () SIM () NÃO

14. Você já “zou” um menino por dançar? () SIM () NÃO

15. Você já viu um menino ser “zoad” por dançar? () SIM () NÃO

16. Você já ouviu, alguma vez, que dançar não fosse uma “coisa de homem”?

()SIM ()NÃO

17. Qual a sua opinião sobre o homem que dança?

18. Para você, existe preconceito contra o homem que dança? ()SIM ()NÃO
Deixe sua opinião:

19. Para você, é normal um homem dançar? ()SIM ()NÃO

20. Você acha que dançar faria com que sua orientação sexual fosse questionada pelos seus amigos? ()SIM ()NÃO

21. Você acha que dançar faria com que sua orientação sexual fosse questionada pela sua família? ()SIM ()NÃO

22. Se um homem dançasse, você questionaria a orientação sexual dele?
()SIM ()NÃO
Porque?

23. As pessoas que você conhece (família, amigos) questionariam a orientação sexual de um homem se ele dançasse?
()SIM ()NÃO

24. Qual seu gênero?

() **AGÊNERO** (Pessoa que não se identifica ou não se sente pertencente a nenhum gênero.)

() **MULHER CISGÊNERO** (Indivíduo que se identifica somente com o sexo biológico com o qual nasceu, nesse caso, o feminino.)

() **MULHER TRANSGÊNERO** (pessoa que se identifica como sendo do gênero feminino embora tenha sido biologicamente designada como pertencente ao sexo/gênero masculino ao nascer.)

() **HOMEM CISGÊNERO** (Se identifica somente com o sexo biológico com o qual nasceu, nesse caso, masculino.)

() **HOMEM TRANSGÊNERO** (pessoa que se identifica como sendo do gênero masculino embora tenha sido biologicamente designada como pertencente ao sexo/gênero feminino ao nascer.)

() **TRAVESTI** (Indivíduo que nasceu em um corpo masculino mas se identifica com a figura feminina, porém, pode não se sentir extremamente desconfortável com seu órgão sexual.)

() **BINÁRIO** (Uma pessoa binária é aquela que se identifica estritamente com o gênero feminino OU com o gênero masculino, sempre de forma separada, sem fluidez e em totalidade.)

() **NÃO BINÁRIO ou GÊNERO FLUÍDO** (Não se limita ao binário de ser totalmente feminino ou totalmente masculino.)

() **OUTRO:** _____

25. Qual a sua orientação sexual?

() **HETEROSSEXUAL** (Indivíduo atraído amorosa, física e afetivamente por pessoas do sexo/gênero oposto.)

() **HOMOSSEXUAL** (É a pessoa que se sente atraída sexual, emocional ou afetivamente por pessoas do mesmo sexo/gênero)

() **BISSEXUAL** (É a pessoa que se relaciona afetiva e sexualmente com pessoas de ambos os sexos/gêneros.)

() **ASSEXUAL** (É um indivíduo que não sente nenhuma atração sexual, seja pelo sexo/gênero

oposto ou pelo sexo/gênero igual.)

() **PANSEXUAL** (Orientação que rejeita especificamente a noção de dois gêneros e até de orientação sexual específica;

() **DESCONHECIDO**

Apêndice II – Roteiro de entrevistas**ROTEIRO DE ENTREVISTA****DATA:** ____/____/____**LOCAL:** _____**NOME:** _____**IDADE:** _____ anos**SEXO:** () FEMININO () MASCULINO () INTERSEXO**TURMA:** _____

- 01.** Para você, qual a importância do ensino da dança para todos?
- 02.** Para você, como foi vivenciar o conteúdo danças? Como foi a sua experiência?
- 03.** Em algum momento sentiu vergonha, ou algo semelhante?
- 04.** A sua concepção de dança modificou-se durante e/ou após o contato com o conteúdo nas aulas de Educação Física?
 - 04.1** Se sim, o que mudou?
 - 04.2** Caso não, o que não mudou?
- 05.** Durante o período com o conteúdo dança aconteceu algo que te marcou?
 - 05.1** O que?
- 06.** Você percebeu diferença de postura, comportamento e/ou participação entre meninos e meninas?
 - 06.1** Se sim, quais?
- 07.** Durante as aulas qual foi o estilo musical preferido pelas meninas?
 - 07.1** O que te leva a crer isso?
- 08.** Durante as aulas qual foi o estilo musical preferido pelos meninos?
 - 08.1** O que te leva a crer isso?
- 09.** Durante as aulas você notou receio por parte dos meninos de realizar algum movimento específico?

- 09.1** Qual foi o movimento?
 - 09.2** Em qual ritmo?
 - 09.3** Por que você acha que ele sentiu receio?
- 10.** Durante as aulas você notou receio por parte das meninas de realizar algum movimento específico?
- 10.1** Qual foi o movimento?
 - 10.2** Em qual ritmo?
 - 10.3** Por que você acha que ela sentiu receio?
- 11.** Em alguma aula você notou algum menino ser zoadado por algum motivo?
- 11.1** Qual motivo?
- 12.** Em alguma aula você notou alguma menina ser zoadada por algum motivo?
- 12.1** Qual o motivo?
- 13.** Qual foi a intervenção da turma?
- 13.1** Do professor?
 - 13.2** Ele continuou a prática da aula?
- 14.** Você acredita que a dança seja um conteúdo mais fácil ou mais difícil para os meninos?
- 14.1** Por quê?
- 15.** Você acredita que ainda hoje as pessoas relacionam a dança como uma prática feminina ou homossexual?
- 15.1** Se sim, quais fatores você acredita serem os influenciadores.
 - 15.2** Caso não, o que te leva a pensar isso?
 - 15.3** Você percebeu esta realidade em sua turma?
- 16.** Como você acha que as aulas de Educação Física e a escola podem mudar este cenário na sociedade?
- 17.** No final do bimestre ocorreu o festival de atividades rítmicas e expressivas do IF. Você participou?
- 17.1** Caso sim, qual foi a sua participação?

- 17.2** Caso sua participação tenha sido em um dança, qual o ritmo da música apresentada?
- 17.3** Como foi a experiência de dançar em um festival?
- 17.4** Quais foram as diferenças entre dançar nas aulas de Educação Física e dançar no Festival?
- 17.5** Caso não, qual o motivo de você não ter participado?

ANEXOS

Anexo I – Carta de Anuência

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins, que aceitaremos o pesquisador, Igor Henrique da Costa a desenvolver o seu projeto de pesquisa Dança, Masculinidade e Heteronormatividade, que está sob a orientação da professora Priscila Ferreira Augusta Campos e co-orientação do professor Albéna Nunes da Silva, cujo objetivo é Compreender a visão de alunos do segundo ano do Ensino Médio, acerca da dança e de sua prática masculina, antes, durante e após vivenciarem o conteúdo na Educação Física escolar no Instituto Federal.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento do (a) pesquisador (a) aos requisitos das Resoluções do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, comprometendo-se utilizar os dados pessoais dos participantes da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados o/a pesquisador/a deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Ouro Preto, em __/__/____

Nome/assinatura e **carimbo** do responsável onde a pesquisa será realizada

Anexo II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO n. 422, de 2012 DO CNS)

Seu/sua filho/a está sendo convidado/a a participar da pesquisa intitulada “*Dança, masculinidade e heteronormatividade*”, cujo objetivo é **Compreender a visão de alunos do segundo ano do Ensino Médio, acerca da dança e de sua prática masculina, antes, durante e após vivenciarem o conteúdo na Educação Física escolar.**

O Instituto Federal autorizou a minha presença neste local e, com base nos critérios de inclusão da amostra, ser aluno matriculado no segundo ano do Ensino Médio, seu/sua filho/a atende o perfil para participar da pesquisa.

Saiba que todos os dados são confidenciais, a identidade do seu filho/a não será revelada publicamente em hipótese alguma e somente os pesquisadores envolvidos neste estudo terão acesso a estas informações que serão utilizadas para fins de pesquisa.

A participação do adolescente é de grande contribuição para a realização de um trabalho de conclusão de curso, e ela se daria através de resposta de questionário, entrevista e observações das aulas de Educação Física.

Os riscos são relativamente pequenos, o maior dano pode ser causado por uma má interpretação de uma das perguntas. Dessa forma, não há riscos previsíveis e nem benefícios explícitos ao sujeito da pesquisa.

Todas as despesas especificamente relacionadas com o estudo são de responsabilidade dos pesquisadores.

Você também deve compreender que os pesquisadores podem decidir sobre a exclusão do/a seu/sua filho/a no estudo por razões científicas, sobre as quais o/a mesmo/a será devidamente informado/a. Bem como seu/sua filho/a pode deixar de participar do estudo a qualquer momento, sem que isso lhe traga ônus. Como também não autorizar o uso de sua imagem.

Você dispõe de total liberdade para esclarecer questões que possam surgir durante e após o andamento da pesquisa. Qualquer dúvida, por favor, entre em contato com os pesquisadores responsáveis pelo estudo: Priscila Augusta Ferreira Campos, tel. (31)3559-1960 ou no endereço Rua Dois, 110, Campus Universitário - Ginásio de Esportes CEP: 35400-000 Ouro Preto - MG

– Brasil, e-mail: **priscila.campos@ufop.edu.br**. Caso queira esclarecimentos, realizar reclamações ou denúncias sobre o aspecto ético da pesquisa, entrar em contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UFOP, localizado no ICEBII-Sala 29 Campus Universitário Morro do Cruzeiro - Universidade Federal de Ouro Preto – Ouro Preto MG, Cep.: 35400-000, tel. (31) 3559-1368, e-mail: cep@propp.ufop.br**.

Declaro que expliquei os objetivos deste estudo para os pais e/ou responsáveis, dentro dos limites dos meus conhecimentos científicos e que esse documento será assinado em duas vias: uma destinada ao pesquisador responsável e outra a pessoa participante da pesquisa.

Priscila Augusta Ferreira Campos – Pesquisadora responsável

CONSENTIMENTO

Concordo com tudo o que foi exposto acima e, autorizo meu/minha filho/a a participar do estudo intitulado “Dança, masculinidade e heteronormatividade”.

Eu li e compreendi todos os procedimentos que envolvem esta pesquisa e tive tempo suficiente para considerar a participação do/a meu/minha filho/a no estudo. Eu perguntei e obtive as respostas para todas as minhas dúvidas. Eu sei que posso recusar a participação do/a meu/minha filho/a neste estudo ou que ele/a possa abandoná-lo a qualquer momento sem qualquer constrangimento. Os resultados desta pesquisa serão utilizados na elaboração de um trabalho de conclusão de curso de graduação, defendida no curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto.

Eu, _____ (nome do responsável) declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação do/a meu/minha filho/a _____ sendo que:

- () aceito que ele/a participe
() não aceito que ele/a participe

Ouro Preto, _____ de _____ de 20____

Assinatura (responsável)

Anexo III – Termo de Assentimento

TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “*Dança, masculinidade e heteronormatividade*”. Seus pais e/ou responsáveis permitiram que você participasse. Queremos saber qual “Compreender a visão de alunos do segundo ano do Ensino Médio, acerca da dança e de sua prática masculina, antes, durante e após vivenciarem o conteúdo na Educação Física escolar.”. A pesquisa será feita no Instituto Federal, nas aulas de Educação Física. Sua participação é muito importante e ela se dará através de resposta de questionários, entrevistas e observações das aulas de Educação Física.

Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu, não terá nenhum problema se desistir. Você também deve compreender que os pesquisadores podem decidir por sua exclusão no estudo por razões científicas, sobre as quais será devidamente informado.

Saiba que todos os dados são confidenciais, sua identidade não será revelada publicamente em hipótese alguma e somente os pesquisadores envolvidos neste estudo terão acesso a estas informações que serão utilizadas para fins de pesquisa.

Todas as despesas especificamente relacionadas com o estudo são de responsabilidade dos pesquisadores.

Você dispõe de total liberdade para esclarecer questões que possam surgir durante e após o andamento da pesquisa. Qualquer dúvida, por favor, entre em contato com os pesquisadores responsáveis pelo estudo: Priscila Augusta Ferreira Campos, tel. (31)3559-1960 ou no endereço Rua Dois, 110, Campus Universitário - Ginásio de Esportes CEP: 35400-000 Ouro Preto - MG – Brasil, e-mail: priscila.campos@ufop.edu.br. Caso queira esclarecimentos, realizar reclamações ou denúncias sobre o aspecto ético da pesquisa, entrar em contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UFOP, localizado no ICEBII-Sala 29 Campus Universitário Morro do Cruzeiro - Universidade Federal de Ouro Preto – Ouro Preto MG, Cep.: 35400-000, tel. (31) 3559-1368, e-mail: cep@propp.ufop.br.**

Declaro que expliquei os objetivos deste estudo para o aluno, dentro dos limites dos meus conhecimentos científicos e que esse documento será assinado em duas vias: uma destinada ao pesquisador responsável e outra a pessoa participante da pesquisa.

Priscila Augusta Ferreira Campos – Pesquisadora responsável

ASSENTIMENTO

Concordo com tudo o que foi exposto acima e aceito participar do estudo intitulado “*Dança, masculinidade e heteronormatividade*”

Eu li e compreendi todos os procedimentos que envolvem esta pesquisa e tive tempo suficiente para aceitar participar do estudo. Eu perguntei e obtive as respostas para todas as minhas dúvidas. Eu sei que posso recusar a participar da pesquisa ou abandoná-la a qualquer momento sem qualquer constrangimento.

Os resultados desta pesquisa serão utilizados na elaboração de um trabalho de conclusão de curso de graduação, defendida no curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto.

Eu, _____ (nome do/a aluno/a) declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação do estudo.

- () Aceito participar
() Não aceito participar

Ouro Preto, ____ de _____ de 20__

Assinatura (aluno/a)